



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

FABÍOLA ARIELA PUCHALSKI ZANOTIN CANATA

**ANÁLISE DE DISCURSOS NA GEOGRAFIA FÍSICA
BRASILEIRA. ESTUDO DE CASO: AZIZ NACIB AB'SÁBER**

BRASÍLIA
2013

FABÍOLA ARIELA PUCHALSKI ZANOTIN CANATA

**ANÁLISE DE DISCURSOS NA GEOGRAFIA FÍSICA
BRASILEIRA. ESTUDO DE CASO: AZIZ NACIB AB'SÁBER**

Monografia de Graduação apresentada ao Departamento de
Geografia da Universidade de Brasília,
como parte dos requisitos para obtenção
do grau de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof.º Dr. Dante Flávio da Costa Reis Júnior

BRASÍLIA
2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

FABÍOLA ARIELA PUCHALSKI ZANOTIN CANATA

Monografia de Prática e Pesquisa de Campo II submetida ao Departamento de Geografia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharelado em Geografia.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Dante Flávio da Costa Reis Junior

Orientador - Departamento de Geografia da Universidade de Brasília

Prof. Dr. Mário Diniz de Araújo Neto

Examinador – Departamento de Geografia da Universidade de Brasília

Prof. Dr. José Luiz de Andrade Franco

Examinador – Departamento de História da Universidade de Brasília

Brasília
2013

CANATA, F. A. P. Z.

Análise de Discursos na Geografia Física Brasileira. Estudo de caso: Aziz Nacib Ab'Sáber.

Fabíola Ariela Puchalski Zanotin Canata. Distrito Federal, 2013.

53 pág. (IH/ GEA/ UnB, Bacharelado, 2013)

Monografia, Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Geografia.

- I. Geografia física
- II. Aziz Nacib Ab'Sáber
- III. Análise de Discurso
- IV. Historiografia
- V. Cláusulas
- VI. Expressões-estigmas

AGRADECIMENTOS

Ao Universo, pelos sonhos que planta em nossas mentes. E na infindável busca da realização destes sonhos nos mostra a necessidade do aperfeiçoamento através do conhecimento. O caminho percorrido nesta busca me colocou a Geografia bem à frente. Ciência perfeita para descobertas dos mais variados ramos: clima, rochas, sociedade, desigualdades sociais, mapas, viagens, evolução, política entre tantos outros, nenhum menos fascinante. Para que essa busca seja prazerosa e recompensadora é sempre necessário encontrar, neste caminho, pessoas que tornem a jornada mais suave e menos pesada. A essas pessoas especiais também vão os meus sinceros agradecimentos:

Meu lindo Júlio César, a quem desejo despertar o prazer de conhecer. Meu companheiro César, a quem desejo recompensar as horas em que faltei e que ainda vou faltar para estudar. Aos meus pais pelo sacrifício com que me criaram e me ajudaram a estar aqui, sadia. Aos meus sogros que torceram e acreditaram em mim. Aos amigos, e nesses incluo irmãos e cunhados, pelas cervejas que deixei de tomar, pelas ligações que deixei de fazer, pelos agradáveis momentos que deixei de viver para ler mais. Aos queridos mestres que tanto me ensinaram durante esses anos de dedicação desde a pré-escola. E ao meu orientador, que dedicou muito tempo e paciência comigo durante a confecção desta monografia.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo reconhecer filiações, pendores e simpatias por parte de um autor-geógrafo, do subcampo da Geografia Física, transmitidos através do seu discurso. Sabe-se que a Geografia Física, assim como a Humana, sofre influências de ideologias e também evolui epistemologicamente transmitindo, consciente e/ou inconscientemente, seus ideários através do discurso de seus autores-geógrafos. Percebeu-se uma falta de estudos historiográficos na Geografia no geral, mas principalmente na área dita Física. Devido a essa constatação elaborou-se um modelo metodológico passível de replicação em outros trabalhos de mesmo tipo afim de que se localizasse no discurso de seus autores expressões estigmas que delatassem essas filiações. Esse modelo portanto, facilita através da definição de cláusulas a detecção de expressões estigmas nos discursos. Percebe-se uma grande necessidade por parte da Geografia em produzir historiografias e de contemplar eminentes autores-geógrafos, principalmente na área física da Geografia.

Palavras-chave: Geografia física, Aziz Nacib Ab'Sáber, Análise de Discurso, historiografia, cláusulas, expressões-estigmas.

ABSTRACT

This study aims to recognize affiliations, leanings and sympathies by an author-geographer, the subfield of Physical Geography, transmitted through his speech. It is known that physical geography, as well as the Human, is influenced by ideologies and also epistemologically broadcasting evolves, consciously and / or unconsciously, their ideals through the speech of the authors-geographers. It was noticed a lack of historiographical studies in geography in general, but especially in the area dictates Physics. Due to this finding was conducted a methodological model capable of replication in other works of the same sort order that was located in the discourse of the authors expressions stigmas delatassem these affiliations. This model therefore facilitates by defining clauses detection stigmas expressions in discourse. Perceive a great need on the part of Geography in producing historiographies and contemplate eminent authors-geographers, especially in the area of physical geography.

Keywords: Physical geography, Aziz Nacib Ab'Sáber, Discourse Analysis, historiography, clauses, expressions stigmas.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	01
1. AS CARACTERÍSTICAS DAS ESCOLAS CLÁSSICA E DO DISCURSO CRÍTICO-AMBIENTALISTA.....	06
1.1 As cláusulas essências da Geografia Clássica.....	09
1.2 As cláusulas da Geografia Crítica de corte Ambientalista.....	12
2. AB'SÁBER, O PERSONAGEM E O DISCURSO.....	17
2.1 Elementos biográficos.....	17
2.2 Exame de trechos de discursos.....	18
2.2.1 Cláusula empirista no personagem.....	19
2.2.2. Cláusula do descritivismo literário.....	20
2.2.3 Cláusula do recurso às ciências naturais.....	22
2.2.4 Cláusula do denunciismo social.....	24
2.2.5 Cláusula do historicismo	29
2.2.6 Cláusula do aconselhamento	32
2.2.7 Cláusula da preocupação ambiental.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
BIBLIOGRAFIA.....	40
LITERATURA EXAMINADA.....	41
ANEXOS: “ficha-protótipo” de leitura.....	44

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa pretendeu diagnosticar, através da interpretação do discurso, a filiação de um autor a determinadas escolas de pensamento geográfico – especialmente à chamada Geografia Clássica (que denominaremos aqui “GC”) e à escola de Discurso Crítico-Ambientalista (“GDCA”).

Fomos orientados pelo intuito de propor uma espécie de protótipo metodológico, o qual pudesse ser replicado em análises de discurso de outros geógrafos brasileiros – e sobretudo aqueles atuantes em Geografia Física (posto que, infelizmente, são ainda raros os estudos consagrados a esses personagens). Simultaneamente, quisemos contribuir para a produção de historiografias com a função de inventariar os modos como a tradição científica – e o rompimento com ela – foi assimilada e praticada nas cenas domésticas, via exame particular da obra de seus agentes. E isso porque a produção textual de certos personagens tende a se enquadrar muito bem como (concomitantemente) um produto da **incorporação de ideários** e um veículo potencial de sua **retransmissão**.

Para execução dessa pesquisa foi constituído um banco de dados a partir das obras do eminente geógrafo Aziz Nacib Ab’Sáber (1924-2012). A escolha deste personagem se justifica: Ab’Sáber é geomorfólogo e geógrafo cuja produção intelectual foi de grande relevância para o desenvolvimento da geociência brasileira.

Nossa ideia preliminar foi a de investigar, através das leituras e composição de fichamentos das mesmas, qual teria sido a linha de pensamento do autor contemplado; ou seja, à que escola de pensamento o autor se enquadraria à época que escreveu os artigos.

Como dito há pouco, pretendemos, também, elaborar um protótipo metodológico, de fácil replicação, para a análise de obras de outros autores da Geografia Física Brasileira. Pensamos haver nisso uma contribuição à produção de historiografias no meio acadêmico, pois, no caso da ciência geográfica, o subcampo da Geografia Física raramente é investigado sob as perspectivas da história e da filosofia da ciência, o que é lastimável, porque os estudantes, por conseguinte, nem sequer tendem a suspeitar que os estudos do subcampo (fenômenos mecânico-naturalistas) dependem de antecedentes e

incorporam preceitos. Isto é, não lhes ocorre considerar que também a Geografia Física, assim como a Geografia Humana, está sujeita a uma evolução paradigmática; evolução feita de conflitos conceituais e episódios de impasse teórico. Notou-se também a importância de documentar o papel jogado por notáveis personagens, os quais podem ter sido responsáveis pela difusão de saberes geográficos, como parece ser o caso da produção científica de Ab'Sáber.

Desejamos identificar um viés de pensamento, de um autor praticante da Geografia Física Brasileira, através da análise do seu discurso. Ou seja, através da leitura de um número mínimo de artigos científicos escritos por ele, encontrar palavras-chave e frases inteiras que remontam às características de uma determinada escola de pensamento geográfico. Através dessas análises, à medida que nos autorizassem a afirmar uma inclinação, pelo menos, a certa escola de pensamento geográfico, poderíamos: 1º) montar um banco de dados constituído à base de palavras-chave e trechos completos, e 2º) confrontar esse material textual com as características das linguagens de cada escola, de modo que pudéssemos mostrar que o autor, em determinada época, pensava de acordo com o mesmo viés de pensamento daquela referida “escola”.

A investigação abrangeu a análise de trinta artigos científicos produzidos por Aziz Nacib Ab'Sáber, da década de 1940 (quando escreveu seus primeiros artigos) até a década de 2010 (seus últimos registros). E diagnósticos feitos, por exemplo, a partir de algumas amostras de suas publicações entre os anos 1940 e 1960, nos autorizaram a sustentar que a obra veiculou sinais bastante emblemáticos da incorporação do chamado “estilo clássico”; quer dizer, a assimilação dos procedimentos e estilos típicos da escola francesa de estudos monográficos: as expedições a campo, o recurso à fraseologia das ciências naturais e o hábito de um estilo descritivista (inventariante e/ou literário). Assim como, a partir da década de 1960, nota-se um discurso mais crítico, mais ambientalista e, posteriormente, a partir dos anos 1970 uma preocupação cada vez mais notável com as diferenças sociais existentes no Brasil, geradas por vários fatores, entre eles a corrupção junto às esferas de decisão. Essas constatações mostraram-nos a viabilidade de sustentar a **hipótese** de que não teria havido uma ruptura com a escola clássica, mas a agregação de outros discursos e vieses de pensamentos advindos de outras escolas.

Através do banco de dados referido antes, pretendeu-se construir um modelo, passível de replicação, que pudesse ser utilizado, por qualquer outro pesquisador, para analisar o discurso de qualquer outro autor da Geografia, principalmente da Geografia Física Brasileira, e contribuir, com isso, para aumentar a quantidade de análises epistemológicas da História da Geografia Física Brasileira.

Percebeu-se uma grande deficiência de estudos teórico-metodológicos na Geografia Brasileira, como já mencionado, principalmente quando o assunto é uma área mais específica como a área física. Sabia-se da importância desse tipo de estudo para a formação acadêmica, bem como a relevância de se analisar as ideologias por trás dos discursos de diversos cientistas. Assim, o caráter oportuno desta pesquisa se fez evidente pela insuficiência de tais espécies de estudo; mesmo porque esse trabalho, ainda que modestamente, procura ajudar a enriquecer um pouco a História da Geografia Física Brasileira.

Do ponto de vista do método, a pesquisa compreendeu uma frente de abordagem pela qual se fez a demarcação de **parâmetros interpretativos**. No caso, identificou-se em literatura respaldada nacional e internacionalmente o que pudemos chamar de “atributos gerais” (forçosamente consensuais) das tradições de pensamento geográfico “GC” e “GDCA”. Logo, por este viés metodológico o que fizemos foi instituir as balizas a partir das quais uma dedução sobre os alinhamentos circunstanciais do personagem pudesse ser feita com razoável segurança.

Submetidos ao procedimento metodológico explicado acima, foram analisados 30 artigos científicos de autoria de Aziz Nacib Ab’Sáber, distribuídos entre os anos 1940 e 2010. O intuito dessa abrangência (de praticamente sete decênios) foi contemplar o autor e perceber: 1º) a ocorrência de mudanças de pensamento por parte dele, 2º) o amadurecimento de suas ideias e/ou 3º) mudanças de ideologia incutidas no discurso por ele empregado.

Os artigos foram escolhidos aleatoriamente e cronologicamente. Foi com o propósito de garantir alguma fidelidade nas análises que procedemos assim. Afinal, teria sido difícil afirmar que o autor mantinha-se fiel à determinada vinculação de pensamento se tivéssemos analisado menos obras, ou então obras inscritas ao longo de apenas uma ou duas décadas por exemplo.

A obtenção dos artigos foi facilitada graças à edição recente de um documento intitulado “*A obra de Aziz Nacib Ab’Sáber*” (MODENESI-GAUTTIERI et al., 2010), produzido antes do falecimento do mesmo e em sua homenagem. Esse grande documento reúne em DVD e livro todos os seus artigos, e também artigos escritos para a revista “*Scientific American Brasil*”, além de uma entrevista do autor para um dos organizadores da obra.

O modelo de ficha utilizado (ver anexo) foi um proposto por nosso orientador, Prof. Dr. Dante F. C. Reis Jr., e adaptado (simplificado) por nós, quando da execução da pesquisa.

A escolha da obra se deu em duas etapas. A primeira contemplou simplesmente duas obras por década e foi aleatória. A segunda etapa previu uma amostra suplementar a fim de que fosse completado o total de 30 artigos (número que nos pareceu razoável) – sendo que tomamos ainda o cuidado para que cada uma das décadas, ao final, estivesse representada com um número parecido de obras. Entendemos que uma vez garantida a aleatoriedade, não seríamos conduzidos a um desfecho previsível, já que a obra do autor é bastante rica e extensa.

Na ficha analítica colocaram-se, primeiramente, os dados de descrição bibliográfica da obra. Optamos por colocar a bibliografia original, ou seja, a fonte genuína de onde os artigos foram primeiramente retirados para compor a obra de Modenesi-Gauttieri et al. (2010). Em seguida, a ficha era preenchida com uma sinopse do artigo. A penúltima parte da ficha analítica era composta de citações de trechos que contivessem as palavras-chave e/ou discursos que demonstrassem o mais claramente possível uma vinculação a um determinado estilo de pensamento geográfico, todos acompanhados de uma explicação interpretativa nossa, sobre porque as características do trecho (a nosso juízo) pareciam demonstrar a virtual vinculação a determinado pensamento. Terminavam-se as fichas com um comentário geral sobre o teor do artigo analisado, além de nossa opinião enquanto intérpretes do texto lido e fichado.

Esta Monografia está composta, essencialmente, de dois capítulos temáticos e uma seção de considerações finais. O primeiro capítulo foi chamado de *As Características das Escolas Clássica e do Discurso Crítico-Ambientalista* e, nele, procuramos esclarecer o leitor sobre as características da Geografia chamada de Clássica, tanto quanto da Geografia do discurso Crítico mas com tonalidades ambientalistas (este, um

matiz que, curiosamente, apesar de evidente, não costuma ser explorado pelas historiografias).

É procedimento de fundamental importância estabelecer (como primeiro passo) as cláusulas inerentes aos estilos de pensamento que se quer verificar presente no discurso de nosso autor-objeto. Sem isso não teríamos como garantir a credibilidade das afirmações em torno de sua inclinação teórico-filosófica. Deste modo, foi executado um estudo a propósito das características mais emblemáticas dos estilos de pensamento “clássico” e “crítico-ambientalista”; a fim de que, em seguida, deduzidos os atributos atinentes a esses estilos, pudéssemos exercitar o rastreamento junto ao discurso de Ab’Sáber.

Para que o leitor entenda a natureza dessa “hipótese de correspondência”, com a qual lidamos ao longo da execução da pesquisa, segue um exemplo admissível de “correspondência”: uma vez identificada como **cláusula** do positivismo clássico o atributo do empirismo (dada a figura dos *raciocínio indutivista*), e identificada no discurso do autor-geógrafo, sob a forma de **expressões-estigma**, uma explícita e frequente inclinação para o emprego de experiências em campo, o historiógrafo-intérprete pode estar seguro de ter detectado um elemento positivista clássico na obra de seu personagem.

O segundo capítulo, intitulado *Ab’Sáber, O Personagem e os Discursos*, dispusemos uma amostra comentada de trechos mais expressivos e frequentes, escolhidos por nós, para exemplificar a vinculação do autor às aludidas duas escolas de pensamento geográfico “GC” e “GDCA”.

Finalmente, a Monografia é arrematada com as conclusões a que pudemos chegar com a pesquisa empreendida. Portanto, nesta última seção ponderamos o quanto nossa hipótese pôde ser confirmada; bem como comentamos o valor e a potencialidade do nosso procedimento metodológico (cláusula → expressão-estigma) para estudos de mesma natureza.

1. AS CARACTERÍSTICAS DAS ESCOLAS CLÁSSICA E DO DISCURSO CRÍTICO-AMBIENTALISTA

Qualquer que seja o destino dessa retornada do pensamento ambientalista-naturalista, ele serve como um lembrete de que a história do pensamento geográfico não é um exercício fútil, que simplesmente trata de "acordar os mortos" (BARNETT, 1995).

A proposta dessa pesquisa é a de identificar características da Geografia Clássica “GC” e do Discurso Crítico-Ambientalista “GDCA” no discurso de Aziz Nacib Ab'Sáber. É portanto, um trabalho de cunho “biográfico-epistemológico”. Não é o objetivo deste trabalho esmiuçar e exaltar personagens e fatos históricos da Geografia, apesar da sua importância e influência no amadurecimento e sistematização da nossa disciplina enquanto ciência. Ainda que a pesquisa se enquadre na “História das Ideias” e contribua para esse campo ainda subexplorado, a nossa proposta no momento, é a de verificar se nosso autor-geógrafo contemplado foi influenciado por algumas escolas de pensamento geográfico ou seja, se o seu pensamento dentro do subcampo da Geografia Física, sofreu a incorporação de ideários e, por conseguinte, se foi um veículo de retransmissão dos mesmos, da mesma forma como acontece mais frequentemente no subcampo da Geografia Humana. Portanto, esse é um exame particular das obras de um agente praticante da Geografia Física.

Posto que trabalhos desse tipo são quase inexistentes e os poucos que existem geralmente contemplam os autores praticantes da Geografia Humana, isso transmite uma falsa ideia de que somente a Geografia Humana sofre influências de escolas de pensamento em sua evolução. Aliás, transmite e falsa ideia de que o subcampo da Geografia Física não possui evolução e transmissão de ideários em seu pensamento, parece que sua evolução é apenas técnica com ferramentas melhores, microscópios mais avançados, por exemplo.

É preciso entender que em se tratando de uma pesquisa dirigida à escala dos personagens, o cuidado com a ponderação das informações deve ser redobrado. E isso porque o personagem, enquanto profissional da ciência, pertence irremediavelmente à

condição de entidade volúvel; logo, nem sempre conseguirá manter-se perfeitamente escrupuloso na enunciação de suas impressões. Este fato surge como um obstáculo ao trabalho do historiógrafo: que confiança depositar nas textualizações identificadas, se elas, numa probabilidade não desprezível, podem veicular uma ideia não conscientemente deliberada pelo personagem redator?

Para isso, é interessante pré-estabelecer um conjunto de “cláusulas” vinculáveis a um determinado “tipo identitário” de sistema de pensamento. Assim, desde que suficientemente localizados no discurso do personagem (“frequência textual”), os atributos derivados das cláusulas autorizarão o “historiógrafo-intérprete” a apontar seu alinhamento com aquele tipo. Exemplo: uma vez identificada como “cláusula capital” do positivismo o atributo do empirismo, e identificada no discurso do “autor-geógrafo” uma explícita e frequente inclinação para o emprego de experiências em campo, o historiógrafo-intérprete pode estar seguro de ter detectado um elemento positivista clássico na obra de seu personagem.

No entanto, cabe aqui frisar as adjetivações enunciadas acima: deve ser explícita e frequente a inclinação. Bem, isso significa que o intérprete precisará sustentar sua “hipótese de correspondência” (tipo identitário → cláusula → atributo → discurso) a partir, irrevogavelmente, de uma amostra substantiva de trechos ilustrativos; sendo que esta “substância” tem de querer dizer, ao mesmo tempo, uma correspondência realmente perceptível (isto é, detectável, sem esforço, nas próprias palavras do autor) e uma correspondência suficientemente replicada – ou seja, verificável em mais de um registro e durante alguns seguidos anos: o que chamamos “frequência textual” (REIS JR, 2008). Assim, como se presume, a sistematização, o regramento procedimental (mencionados há pouco), teriam de favorecer de alguma maneira a apreensão desses sintomas de inclinação. Trata-se, pois, de um esforço metodológico do qual o historiógrafo-intérprete não pode se furtar.

Tipo identitário	Cláusula	Atributo	Discurso
Positivismo Clássico	empirismo	expedição a campo	<i>“[...] coletamos, in situ, amostras do material localizado.”</i>
Positivismo Clássico	historicismo	busca de explicação no passado	<i>“[...] heranças de uma história social complexa e desumana; de um país tardiamente egresso do escravismo e sujeito[...].”</i>
Positivismo Clássico	literária, inventariante	tom elevado, escrita elegante e minuciosa	<i>“A gente planaltina lançou os olhos para o bloco regional do sudoeste e sul, criando aquele gênero de vida todo especial do apresador expedicionário, representado pela epopéia belicosa das bandeiras.”</i>
Positivismo Clássico	proximidade com as ciências naturais	recurso à linguagem de disciplinas tais como a Geologia	<i>“[...] a de um continente soerguido. Corresponde a seções das velhas terras cristalinas do Complexo Brasileiro, que, por serem muito rígidas para se dobrar, fraturaram-se em blocos alongados [...]”</i>

Quadro: Exemplos de “hipótese de correspondência”

Como referido antes é muito importante estabelecer (como primeiro passo) as cláusulas inerentes ao estilo de pensamento que se quer verificar presente no discurso de nosso autor-objeto. Sem isso não temos como garantir a credibilidade das afirmações em torno de sua inclinação teórico-filosófica.

Deste modo, executamos um estudo sobre as características mais emblemáticas dos estilos de pensamento “clássico” e “crítico-ambientalista”; para que, em seguida, deduzidos os atributos atinentes a esses estilos, pudéssemos rastrear nas obras de Ab’Sáber essas características pré-estabelecidas.

Os tipos de fonte a que recorremos para localizar/demarcar as cláusulas foram, essencialmente, duas espécies de literatura; quais sejam: compêndios ou livros-texto de cunho historiográfico, e alguns em língua estrangeira, traduzidos e resumidos por Reis Jr. (sobretudo franceses; posto que ainda sofremos, no Brasil, de uma rarefação desta

natureza de literatura em idioma vernáculo) e artigos que tratam, direta ou indiretamente, da caracterização de certas escolas de pensamento geográfico.

1.1 As cláusulas da Geografia Clássica

Quando a Geografia foi institucionalizada como disciplina universitária, na Alemanha e na França, na segunda metade do século XIX, cria-se para ela um âmbito de explanações que a aproximavam grandemente das ciências naturais. O frequente uso das metodologias da Geologia e da Botânica provava isso. Relatos detalhados, ilustrados por croquis e ensaios taxonômicos. Ela era basicamente, caracterizada pela descrição de quadros fisiográficos, de distribuições diferenciais e de usos.

O período chamado de “clássico” da Geografia, floresce no início do século XX e seu auge situava-se entre os anos 30 e 40 do mesmo século portanto, ela surgiu há mais ou menos cento e cinquenta anos atrás e se estendeu por pelo menos um século, sendo ainda visível na década de 1950. Esse período clássico foi caracterizado pela institucionalização do marco acadêmico da Geografia e pela auto-designação de disciplina a lidar com arranjos combinatórios da natureza. E suas **principais características**, quando já maduro, eram a cristalização de certos saberes: a prática inventariante, o discurso literário, o raciocínio indutivista e o foco regional. Durante um tempo a Geografia esteve ligada às esferas de tomada de decisão, informando a respeito das regiões e seus recursos e muitas vezes “orientando tecnicamente” ingerências imperialistas e neocoloniais.

Essa Geografia não conseguiu atingir seu objetivo de falar competentemente de termos epistemológicos da amálgama entre os fatos. Ora se escrevia sobre fatores “físicos” dando maior ênfase aos elementos vegetacionais, pedológicos e hidrológicos (aproximando o trabalho do geógrafo ao de um geólogo- botânico), ora se falava de fatores “humanos”, privilegiando o fator sócio-cultural (esses, aproximando o levantamento geográfico das etnografias antropológicas). Para isso acontecer, percebe-se, claramente, uma formação muito difusa na universidade de tão multidisciplinar que é a Geografia. Portanto, foi criado um desafio pela própria Geografia Clássica: o tratamento conjunto do físico com o humano numa mesma disciplina.

As duas maiores escolas nacionais de Geografia clássica mais diretamente responsáveis pela identidade geral da Era de Ouro foram a Alemanha e a França.

Os prussianos, reais pioneiros nos estudos mais sistematizados da geografia, como citado anteriormente, foram influenciados pelo ideário evolucionista corrente e desenvolveram seus trabalhos pelo pensamento naturalista. Por esse motivo, desenvolveram um pensamento geográfico por um viés mais ecológico que sociológico porque também, frequentaram produção literária de autores ligados às ciências da vida – zoólogos, por exemplo - serão os mentores de uma geografia interessada essencialmente em tratar das interações homem-meio. Humboldt, que serve de exemplo a isso, foi um viajante incansável explorando e registrando com minúcia a riqueza dos fenômenos naturais de diversos continentes, inclusive do Americano. A prática exploratória a que se dedicava exigia instrução plural em ciências biológicas e da terra. A tarefa do geógrafo então, era a de desvelar a ordem da natureza. Os fatos mostravam-se sempre isolados, fazendo-se necessário a recomposição do conjunto através de investigação minuciosa, diligente e desapressada. Para eles o mundo seria sempre “um todo” operando em harmonia e esse era um pensamento geográfico que incorporava a filosofia romântica de Johann G. Von Herder (1744-1803) entre outros. Esse “todo harmônico” também era visível nas obras de Ritter. Para esse autor o objeto a ser investigado eram as relações que os grupos humanos mantinham com os meios físicos ocupados. Essa visão de Ritter, levada ao limite, desencadeava interpretações determinísticas. Pois o nível de evolução política dos povos poderia ser visto como dependente das características locais ofertadas pela natureza. Então o legado da escola nacional alemã foi o de concepção de totalidade da natureza, recomendação de habilidades intelectuais multidisciplinares e interpretação causal das conexões entre homens e ambientes.

Os franceses são seguidores dos feitos alemães. Portanto, têm, também, uma visão bastante naturalista. Essa transmissão de ideias ocorreu pelo fato de Humboldt ter participado ativamente da criação da Sociedade de Geografia de Paris. Especialistas interessados em reformar o ensino secundário em Paris consultaram *experts* que tiveram aulas com Ritter nos Estados Unidos. Acontece que após o episódio da Terceira República (1870-1940), movidos por causas nacionalistas e colonialistas, a França utilizou-se da Geografia para semear nas escolas um pensamento de superação e altivez, após a perda de uma porção do território (Alsácia e Lorena). Boa parte desse ideário foi absorvido pelos geógrafos franceses, que passaram a produzir estudos a serviço da

pátria. O que basicamente diferenciou a escola clássica francesa da alemã, foi a rejeição à interpretação causal das conexões entre homens e ambientes. A Geografia praticada na França seria a resistência a esse pensamento rígido alemão que enxergava na paisagem relações de causa e efeito.

De qualquer maneira, conserva-se no pensamento francês, um elemento originado na escola alemã que se trata da ideia geral de “conectividade”, que entre os franceses significou a combinação singular de fatos naturais e culturais. Para os franceses essa conectividade não os estimulava a ideias deterministas.

No final das contas, nem os alemães e nem os franceses conseguiram encontrar ferramentas para solucionar o desafio que a Geografia Clássica se colocou. O pensamento alemão, por exemplo, naturalizava demais a ocupação humana no espaço. Os franceses, optando por um juízo idiográfico, se debruçavam sobre os fatos tratados individualmente sequer cogitavam uma explicação generalista para a interface local dos fenômenos culturais e naturais. Devido a isso, a Geografia Clássica resultou numa visão separatista entre geografia humana e geografia física e a exaustivos inventários documentais.

Ao lado dessa Geografia descritiva e inventariante, no ensino escolar, a Geografia toma ares de ensino de saber enciclopédico, onde se decoram informações como etnias, idiomas, extensões territoriais, fenômenos meteorológicos, nomes de mares e rios, entre outros. Isso gerou um pensamento de que saber Geografia é o mesmo que possuir um conhecimento enciclopédico sobre lugares e civilizações. Então, mesmo desempenhando funções chave na história a Geografia, hoje, não consegue deixar de ser uma disciplina “menor” e pouco expressiva se comparada a outros saberes.

Tributária dessas duas grandes heranças procedentes da fase de consubstanciação da ciência ocidental moderna, a Geografia Clássica (GC) apresenta, principalmente, como aspectos de identidade: 1º) um típico raciocínio sistematizador (legado de uma filiação junto às Ciências Naturais); e 2º) uma típica narrativa retórica (espólio resgatado, por sua vez, das Humanidades). Mas o que parece render peculiaridade à ciência geográfica é o fato de que, a partir dessa dupla herança, as contingências engendraram para ela uma série de **características resultantes** da miscigenação variada entre aquelas duas ascendências. E, possivelmente, as mais emblemáticas, que já foram citadas acima,

sejam estas: a) *descriptivismo inventariante e literário* (síntese dos procedimentos copiados da Botânica, tanto quanto da História); b) *juízo classificador e tipológico* (prova da aproximação empreendida com a Geologia); c) *interpretação dos fatos no campo* (sinal da incorporação do positivismo clássico e sua exaltação dos testemunhos empíricos); e d) *composição de estudos tópicos* (similaridade com os procedimentos etnográficos da Antropologia) (DENEUX, 2006; REIS JR, 2011).

Esses quatro atributos (“*descriptivismo...*”, “*juízo...*”, “*interpretação...*” e “*composição...*”) apontariam, então, as cláusulas do período classicista da Geografia – e isso, posto que se admite, com razoável consenso, estar a Geografia Clássica substancialmente assentada sobre um alicerce filosófico do tipo positivista. E como, realmente, este “tipo” associa-se àqueles atributos, uma lógica de correspondência permite-se insinuar suficientemente (KITCHIN, 2006). Por conseguinte, se diagnosticada uma “sintonia” (desde que, é claro, “explícita e frequente”) das expressões estigma utilizadas por nosso personagem com os atributos enumerados acima, a hipótese de correspondência será confirmada.

A Geografia Física apreendida por Ab’Sáber em sua formação conservava, como se depreende, os signos da chamada “escola francesa” – tributária, ela mesma, de trabalhos e lições de grandes padrões. Na verdade, a Geografia Brasileira dos anos trinta e quarenta, especialmente no que se refere aos estudos fisiográficos, devido a uma circunstancial ausência de autonomia, será aluvião de saberes originalmente concebidos fora. Por essa razão, nossos geógrafos receberiam e praticariam ideias cuja fonte remontava a vários mandarins: Willian Morris Davis, Walter Penck, Lester King (VITTE, 2011). Um jovem Ab’Sáber acabaria herdando, pois, essa tradição que é “clássica” mas múltiplice, ao mesmo tempo.

1.2 As cláusulas da Geografia Crítica de corte Ambientalista

A partir dos anos 1960 começam a surgir vozes discordantes, exigindo uma geografia “mais crítica”, apontando as desigualdades da apropriação do espaço advindas do capitalismo. Nessa mesma década, acontecia a Guerra do Vietnã, crise da poluição e da urbanização, luta pelos direitos civis. Diante desses acontecimentos, surge uma corrente geográfica preocupada em ser crítica e atuante. Essa geografia mais reconhecida pelo

nome de Geografia Radical, designava tudo que fosse de tendência esquerdista e a postura contestatória de seus praticantes.

Alguns importantes nomes praticantes dessa geografia podem ser citados, como David Harvey, David M. Smith, Yves Lacoste e Richard Peet. No contexto brasileiro, podemos citar Milton Santos, Ruy Moreira, Manoel Corrêa de Andrade.

A Geografia Radical preocupa-se demasiadamente com os processos e problemas sócio-econômicos com grande função ideológica. Assim, ela procura primeiramente, analisar os processos sociais, procurando, implicitamente, tentar integrar os processos sociais e os espaciais. Ela se importa com os modos de produção e as formações sócio-econômicas. Essa visão vem do marxismo, que considera como fundamental os modos de produção, enquanto as formações sócio-econômicas espaciais são as resultantes. Cada modo de produção, capitalista ou socialista, por exemplo, reflete-se em formações sócio-econômicas espaciais distintas, cujas características da paisagem geográfica devem ser analisadas e compreendidas. Afim de promover uma transformação radical da sociedade capitalista, surge a ênfase sobre os temas de relevância social, incentivando os mecanismos das lutas de classe, tais como: a pobreza, as desigualdades e as injustiças sociais, a deterioração dos recursos ambientais, as desigualdades espaciais e sociais nas estruturas urbanas e outros. Se pensarmos que as injustiças e as desigualdades sociais e espaciais são estigmas das sociedades capitalistas, compreende-se porque a Geografia Radical surgiu e se desenvolveu no seio dos países capitalistas, principalmente nos Estados Unidos e na Inglaterra. (CHRISTOFOLETTI, 1982).

A Geografia radical baseia-se nos procedimentos metodológicos do materialismo dialético.

Algumas preocupações dos geógrafos radicais são pertinentes para a nossa investigação, como a linha de orientação popular-radical, que se caracteriza pelo contato direto dos geógrafos com as populações das áreas a serem investigadas. Aí, o geógrafo participa e orienta a população para solucionar seus problemas e traçar as suas reivindicações. A linha de orientação para o Terceiro Mundo, destinados a propor análises sobre o desenvolvimento e o imperialismo, entre vários outros temas.

Mas o Discurso Crítico-Ambientalista, é uma modalidade “híbrida” que define-se a partir da convergência de dois estilos precedentes: o “radical” e o “teorético”.

Nesse sentido, um discurso crítico-pragmático seria, por conceito, “de segunda-ordem”, de vez que sintetizaria, concomitantemente, a postura exegética (intransigente com feitos omissos ao quadro socioambiental) e o juízo prático (obstinado pela intervenção

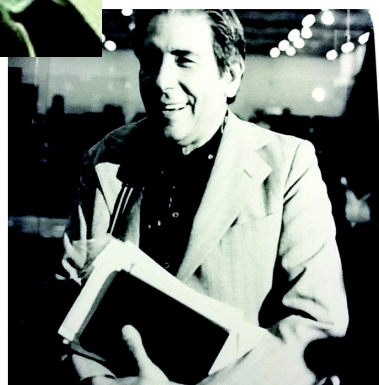
eficiente – guiada, esta, por prototipagem teórica). O que acontece é que se deu um caso, em especial, que veio a exprimir bastante bem o campo de possibilidades da confluência mencionada: o discurso ambiental. Quer dizer, uma das formas emblemáticas do discurso crítico-pragmático veio a ser aquela pela qual os praticantes/militantes, executando análises diagnósticas sobre as condições de uso do espaço, não só reivindicaram como propuseram ações em prol da chamada “questão ambiental” – mote em função do qual logo seria permitido falar num “Discurso Crítico-Ambientalista”. Numa versão um pouco caricatural, mas nem por isso desprovida de verdade, é como se, a partir de certo momento, tivesse surgido um “geógrafo físico engajado”; um tipo de personagem que, não obstante sua identidade de cientista do quadro natural (reverente, portanto, aos protocolos do raciocínio sistematizador), emitirá – na qualidade, digamos assim, de “atitudes complementares” – juízos censores e prescrições corretivas; sendo assim, transcendendo os meros/esperados laudos periciais.

Tipo identitário	Cláusula	Atributo	Discurso
Discurso Crítico-Ambientalista	estilo aconselhador	chamamento, reivindicação, recomendação	<i>“É preciso ter menos ignorância, mais planejadores, mais equipes interdisciplinares capazes de observar o sítio urbano[...]”</i>
Discurso Crítico-Ambientalista	estilo denunciativo social	indignação, denúncia, críticas ao sistema capitalista	<i>“Aliciaram-se jovens relativamente fortes e bem dispostos para o trabalho desgastante e semiescravo do garimpo.”</i>
Discurso Crítico-Ambientalista	estilo denunciativo ambientalista	indignação, denúncia, críticas	<i>“Invadida por fazendeiros, peões, madeireiros, capatazes, pistoleiros e garimpeiros, a Amazônia foi ocupada sob a sombra do capitalismo selvagem [...]”</i>
Discurso Crítico-Ambientalista	preocupação ambiental	alerta, denúncia	<i>“Restam pouquíssimos exemplos de ecossistemas dos cerradões, dado o imediatismo e a selvageria que preside o atual sistema de produção[...]”</i>

Quadro: Exemplos de “hipótese de correspondência”

Por consequência, uma Geografia de Discurso Crítico-Ambientalista (GCDA) parece possuir os seguintes aspectos identitários: 1º) levantamento e denúncia de ações danosas sobre o quadro ecológico, porém sem abandonar a praxe dos saberes sistemáticos para a caracterização do mesmo; 2º) relativa desconfiança dos modelos teóricos que possam negligenciar demasiadamente os processos de ordem econômica, política e sociocultural; e 3º) recomendação de posturas ou de atitudes no sentido de suspender os processos entendidos como socioambientalmente ofensivos.

Numa virtual história da Geografia Física Brasileira (ainda por ser inventariada), é possível que alguns notáveis personagens estrangeiros – de uma já bem outra geração, pós-clássica – surjam como agentes que espargiriam ideários modernizados. Sabemos pelo menos que, nas terras brasileiras (voltando a abusar da caricatura), certos geógrafos físicos “de esquerda” plantaram suas sementes: nomes do naipe de Jean Dresch e Jean Tricart, que, militando a contar dos anos 1960, influenciariam grandemente nossos geógrafos patrícios da década dos oitenta (MENDONÇA, 2001). E um amadurecido Ab’Sáber acabaria herdando, vez outra, uma vertente que era, agora, “híbrida” mas original, ainda assim.



2. AB'SÁBER, O PERSONAGEM E O DISCURSO

2.1 Elementos biográficos

Aos vinte e quatro dias de Outubro de 1924, em São Luiz do Paraitinga (SP), nasce Aziz Ab'Sáber, “em meio aos mares de morros”, como ele mesmo gostava de frisar. Aos seis anos foi morar em Caçapava (SP), onde cursou o ginásio. Estudioso, não teve tão imediato interesse pela Geografia; este seria despertado depois, através de um professor de História, de nome Hilton Friedericcci, que costumava situar os episódios no espaço. Ao ir para a capital, em 1939, estudou e ingressou na Universidade de São Paulo (USP), no curso de Geografia e História da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. (Seria aprovado, no vestibular, por sinal, graças à sua nota em desenho.). Na universidade foi muito influenciado e inspirado pelo professor francês Pierre Monbeig (1908-1987).

Devido à dificuldade financeira por que passava em tempos de estudante, seu primeiro emprego foi de jardineiro na própria USP, enquanto ainda fazia a graduação.

Ab'Sáber, no ambiente do Palacete da Alameda Glete, em São Paulo, onde era ministrado o curso de Geologia, curso que engatinhava devido à sua recente criação, em 1945, e ao baixo número de sócios, desenvolveu grande conexão com essa ciência ainda quase desconhecida aqui no Brasil. Ab'Sáber começou a produzir inúmeros trabalhos a partir de 1948 e não parou até a data de seu falecimento. Vivenciou as etapas de crescimento da USP, passou por outras instituições de ensino superior em muitos estados brasileiros. Escreveu, fez palestras, criou discípulos e admiradores. Foi presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência até 1995, ganhando depois o título de presidente de honra dessa entidade. Ganhou seu primeiro prêmio Jabuti em 1997. Ganhou notoriedade ao criticar o Código Florestal Brasileiro e propor um “Código da Biodiversidade”. Sua principal especialidade foi a geomorfologia mas escreveu sobre geologia, arqueologia e um pouco sobre aspectos históricos. Foi responsável pela divisão do Brasil em seis domínios morfoclimáticos: Domínio amazônico, Domínio dos Cerrados, Domínio dos Mares de Morros, Domínios das Caatingas, Domínio das Araucárias e Domínios das Pradarias. Autor da Teoria dos Redutos, colaborou grandemente, a partir dessa pesquisa, para o desenvolvimento da Teoria dos Refúgios de autoria do zoólogo Paulo Vanzolini.

Os primeiros temas ligados ao meio ambiente aparecem no final da década de 1960 e 1970 quando, fruto de uma longa reflexão e farta experiência em campo, que começara durante a sua tese de doutoramento em 1957, Ab'Sáber publicou um trabalho, já clássico, *Um conceito de geomorfologia a serviço das pesquisas sobre o Quaternário*, de cunho metodológico e que exerce marcante influência nas pesquisas geomorfológicas até os dias atuais. Neste trabalho de 1969, Ab'Sáber apresenta a sua concepção de geomorfologia. Esse trabalho foi um marco teórico e metodológico nos trabalhos de geomorfologia. E Aziz Ab'Sáber foi considerado como aquele que incorporou e desenvolveu as proposições da linhagem epistemológica germânica.

Outro importante trabalho ambiental foi o trabalho de Cubatão (1991) e outros voltados ao problema da expansão urbana, retomando o tema do sítio urbano, agora sob um viés mais crítico e chamando a atenção para as questões sociais e políticas.

Em 1980, ele participa de debates sobre questões nacionais como a Constituinte, as questões ambientais e a questão da Amazônia.

No século XXI inicia a participação na revista *Scientific American Brasil* onde publicou em uma página além de ter crescido a sua participação com questões ambientais. Além de cientista, foi um cidadão atuante e participante ativo da discussão das grandes questões que interessam ao Brasil. Na sua própria opinião, ele se considerava acima de tudo um educador.

Faleceu no dia 16 de março de 2012, aos 87 anos, de enfarte.

2.2 Exame de trechos de discursos

A seguir, dispostos uma amostra comentada de trechos (temporalmente distintos), em meio aos quais podem ser identificadas algumas “expressões-estigma” passíveis de associação às cláusulas dos estilos clássico e discurso crítico-ambientalista. Verificaremos que é possível reconhecer a filiação a uma determinada escola de pensamento geográfico através do discurso de um autor. Em alguns trechos observa-se, claramente, o autor demonstrando, com seu discurso, essas características como a ida ao campo, o empirismo, uma maneira descritiva e literária de escrita, uma preocupação crítica com relação às desigualdades sociais, a preocupação constante com o meio-ambiente e sua preservação, por exemplo.

Nos seguintes parágrafos, o leitor poderá apreciar a leitura das citações desses trechos, retirados de seus artigos, onde poderão ser reconhecidas algumas das características, da Geografia Clássica nos quesitos empirismo e descritivismo.

2.2.1 Cláusula empirista no personagem...

As citações a seguir mostram características da Geografia Clássica como a valorização às idas ao campo para observar diretamente os acontecimentos naturais que é o mesmo que um aprendizado empírico. Com essas saídas a campo tem-se o intuito de, posteriormente, descrever minuciosamente o que foi visto e supor hipóteses explicativas para os fatos e os fenômenos vistos, a partir da observação incansável. Posteriormente os cientistas podiam, também, comparar o que foi observado com outras localidades:

[...] as pedreiras ali estabelecidas deixam margem para observações pormenorizadas com relação à posição estratigráfica dos folhelhos [...] (AB'SÁBER, 2010^[1948b] p. 66, grifo nosso).

[...] topo do tabuleiro possui a forma de extensa esplanada, marcadamente tabuliforme, enquanto os níveis altimétricos intermediários asilam colinas bem esculpidas que permanecem como que embutidas entre largos desvãos do nível superior. (AB'SÁBER, 2010^[1953], p. 3).

Nesse sentido, a identidade de pontos de vista de Ruellan e Maack, nos trabalhos pioneiros, servem para nos dar uma ideia, bastante expressiva, de como os pesquisadores de ciências da Terra, observam bem desde o início, muito embora possam especular por caminhos diferentes quando se trata de elaborar interpretações. (AB'SÁBER, 2010^[1961], p. 2, grifo nosso).

Oxalá todos os pesquisadores soubessem descrever bem e registrar bem os fatos observados no campo antes de aventurar pela enganadora, porém menos imperdoável senda das interpretações isoladas e unilaterais. (AB'SÁBER; BIGARELLA, 2010^[1961], p. 4, grifo nosso).

Nos trabalhos de campo realizados especialmente ao longo da estrada da Graciosa e da nova rodovia Curitiba-Paraguá... (AB'SÁBER, 2010^[1961], p. 5, grifo nosso)

As iniciativas cartográficas que se sucederam na representação geográfica do Planalto do Piratininga — ainda que não muito empíricas — tem um especial valor histórico. (AB'SÁBER, 2010^[1963], p.4, grifo nosso)

[...] em posição semiparalela à superfície atual das vertentes e interflúvios, ocorrem belos exemplos de *stone lines*, [...] (AB'SÁBER, 2010^[1969], p. 2, grifo nosso)

Estudos iniciados entre 1960-1961 a respeito da estrutura superficial das paisagens do extremo sul do país — graças a um auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo — foram retomados em 1965, através de novas excursões de campo. (AB'SÁBER, 2010^[1969], p. 5, grifo nosso)

Para a classificação dos fatos morfoestruturais basta que existam bons mapas geológicos ao par com conhecimentos regionais sobre a compartimentação topográfica global e dados seguros sobre a tectônica antiga e moderna das áreas em estudo. (AB'SÁBER, 2010^[1970], p. 2)

Dai porque procuramos modificar, a título provisório e com base nos conhecimentos de campo relativos aos diferentes atributos que compõem os ecossistemas regionais, as expressões propostas no mapa que resume as observações regionais de Hargreaves. (AB'SÁBER, 2010^[1974], p. 6, grifo nosso).

Da incorporação dos dados integrados das fotografias aéreas e de sofisticadas imagens de sensores ao uso de uma cartografia mais simples e fácil de ser entendida. Sem jamais abandonar os trabalhos de campo para auscultar as aspirações das comunidades residentes e identificar os mosaicos internos e as dinâmicas da territorialidade. (AB'SÁBER, 2010^[1989], p. 5, grifo nosso)

Trata-se, pois, de dois esquemas de paisagens ecológicas inteiramente diferentes, que somente podem ser compreendidos por meio do trabalho associado dos elementos fornecidos pelas referências dos cronistas, pedólogos, viajantes, pelos estudos botânicos, pelos conhecimentos geológicos e associados, assim como pela história do uso da terra e pela detida análise geográfica de campo. (AB'SÁBER, 2010^[2004a], p. 3, grifo nosso).

2.2.2. Cláusula do descritivismo literário ...

Escrita de estilo literário, inventariante em tom elevado (escrita elegante), algumas vezes detalhista lembrando muitas vezes um romance ao invés de um texto científico. Essa característica, já referida por outros autores, é muito marcante em Ab'Sáber. Característica que faz, muitas vezes, a leitura de um artigo fluir mais levemente de maneira que não se aprecia apenas os conhecimentos geomorfológicos transmitidos por ele, mas também a maneira como é descrito, fazendo com que o leitor visualize muitas cenas em seu imaginário, exatamente como acontece ao ler um romance:

A gente planaltina lançou os olhos para o bloco regional do sudoeste e sul, criando aquele gênero de vida todo especial do apresador expedicionário, representado pela epopéia belicosa das bandeiras. (AB'SÁBER, 2010^[1948a], p. 2, grifo nosso)

Mais do que isso, o próprio céu de São Paulo adquiriu um aspecto menos transparente e belo do que o da atmosfera que recobre outros recantos mais agrestes e menos urbanizados do Brasil de Sudeste e do Brasil Meridional. (AB'SÁBER, 2010^[1963], p.1, grifo nosso)

Em qualquer que seja o seu caso, torna-se necessário inventariar suas condições físicas e ecológicas para melhor compreender as potencialidades de sua economia e os problemas sociais dos grupos humanos que nelas habitam e produzem. (AB'SÁBER, 2010^[1974], p. 16)

O autor não foi talhado para redigir relatórios técnicos e burocráticos. Usa de muitos métodos e de muitos recursos de linguagem. Ganha, com isso, profundidade e calor humano em seus estudos. Jamais se atrela a metodologias rígidas ou a modismos altamente temporários, que vem marcando a disciplina de sua eleição. De certa forma, tem uma energia cultural, sobremaneira especial, relacionada a uma postura interdisciplinária, que não raro atinge as fronteiras externas do método. Para desespero dos certinhos e dos medíocres, há que ser, muitas vezes, totalmente contra o método e contra uma linguagem acadêmica muito rígida. O que encanta no estudo de Orlando Valverde é o fato de ele nos apresentar uma Ciência Geográfica, em sua grande parte decodificada na origem, suficiente para interessar a todos os tipos de leitores. (AB'SÁBER, 2010^[1989], p. 5, grifo nosso)

[...] florestas de galeria, opondo-se a um mar de morros originalmente florestados. Como na visão de August de Saint Hilaire, *velhos pomares de macieiras abandonadas*. (AB'SÁBER, 2010^[1992b], p. 4, grifo do autor).

[...] resistir às queimadas, renascendo das próprias cinzas, como uma espécie de fênix dos ecossistemas brasileiros. (AB'SÁBER, 2010^[1992b], p. 6).

Um esforço homérico de reconstrução da Alemanha Ocidental, através de uma nova fase industrial, convenção do parque tecnológico para novas modalidades produtivas e, por fim, reunificação do país através de processo sofrido e complicado [...] (AB'SÁBER, 2010^[1995], p. 2)

Alhures, nos emocionando com os eternos acordes da música clássica alemã e, todos nós, nos deliciando com a singeleza inusitada e simbólica da nossa música popular, entranhada de humanidade e força de protesto. (AB'SÁBER, 2010^[1995], p. 6).

Tarefa homérica e inglória, sujeita a múltiplos confrontos entre cientistas, ambientalistas e ecologistas *versus* governantes. (AB'SÁBER, 2010^[1995], p. 5, grifo do autor)

E tristes memórias em relação aos espasmos de beligerância, gerados por lamentáveis personalidades políticas agressivas e incontroláveis. (AB'SÁBER, 2010^[1995], p. 3, grifo nosso)

De vez em quando, em permeio a altamente predada região das araucárias, surgem pequenos mosaicos de campos entremeados por bosquetes de pinhais, que oferecem uma das mais lindas paisagens do território brasileiro. (AB'SÁBER, 2010^[1996], p. 1).

Do porto para a cidade, subindo, atravessando as planícies da costa, vencendo as escarpas pelo trem, observando os restos remanescentes da natureza e, depois, entrando em contato — um contato brutal! — com a massa de edificações e os espaços abertos na cidade. (AB'SÁBER, 2010^[2004b], p. 1, grifo nosso).

[...] seu Nacibinho levantou a barra da sua lojinha e foi-se embora com a família para Caçapava. (AB'SÁBER, 2010^[2010a], p. 1, grifo nosso).

2.2.3 Cláusula do recurso às ciências naturais...

Nos trechos a seguir o leitor poderá vislumbrar características como a familiaridade com os conceitos e métodos da geologia, botânica, zoologia, arqueologia, ou seja, das ciências ambientais. Essas características são muito presentes na Geografia Clássica, pois antes de sua sistematização eram esses cientistas/viajantes que “faziam” a geografia. Esses viajantes botânicos, geólogos e zoólogos, além de outros que descreviam e desenhavam empiricamente as paisagens e fenômenos encontrados ao redor do mundo em suas viagens, utilizaram-se desses conhecimentos das ciências naturais que foram as que acabaram por influenciar a Geografia Clássica:

Correlacionando-se as observações mais gerais, obtidas do exame dos paredões das duas pedreiras, estabelece-se uma seção em que, do cabeço da topografia para a base dos afloramentos, assiste-se a uma passagem de folhelhos para varvitos, siltitos rítmicos e arenitos de granulação muito fina com estratificação diagonal. As camadas superiores de folhelhos representam estágios diversos da decomposição superficial dos varvitos milimetricamente zonados. (AB'SÁBER, 2010^[1948b], p. 1, grifo nosso)

[...] a de um continente soerguido. Corresponde a seções das velhas terras cristalinas do Complexo Brasileiro, que, por serem muito rígidas para se dobrar, fraturaram-se em blocos alongados, devido aos desequilíbrios isostáticos provocados pelo levantamento da cordilheira dos Andes. (AB'SÁBER, 2010^[1950], p. 1, grifo nosso)

Tecendo comentários em torno de problemas referentes ao sítio e à situação de Manaus, Spix e Martius parecem ter sido os primeiros

viajantes e naturalistas a destacar a importância que a posição geográfica da cidade poderia significar mais tarde [...] (AB'SÁBER, 2010^[1953], p. 1, grifo nosso).

Assim sendo, pensamos – acompanhando parcialmente as pegadas de Ruellan – que tais blocos são parcelas de uma *block mountain* que afetou a metade oriental do núcleo de Curitiba do Escudo Brasileiro, enquanto os níveis embutidos entre eles, são feições denudacionais certamente ligados às flutuações climáticas do Quaternário, assim como às variações glacioeustáticas do nível do mar. (AB'SÁBER; BIGARELLA, 2010^[1961], p. 5, grifo dos autores, itálico e grifo nosso, sublinhado).

Pensamos que as escarpas da Serra do Mar tenham crescido em amplitude de desníveis apenas pela ação das sucessivas retomadas erosivas que por razões diversas a afetaram durante e após o Paleógeno. (AB'SÁBER; BIGARELLA, 2010^[1961], p. 5).

Para a classificação dos fatos morfoestruturais basta que existam bons mapas geológicos ao par com conhecimentos regionais sobre a compartimentação topográfica global e dados seguros sobre a tectônica antiga e moderna das áreas em estudo. (AB'SÁBER, 2010^[1967], p. 2)

A progressão do mapeamento geológico e o reconhecimento das condições estruturais da maior parte do território brasileiro permitiram a identificação das províncias geológicas básicas, através de diversos critérios. (AB'SÁBER, 2010^[1967], p. 3)

[...] o conjunto sendo sujeito à fase pedogênica relacionada com as condições climáticas e biogênicas atuais. (AB'SÁBER, 2010^[1969], p. 1)

Nas altas coxilhas da depressão periférica gaúcha, em áreas de migmatitos aplainadas pela pediplanação neogênica, em posição semiparalela à superfície atual das vertentes e interflúvios, ocorrem belos exemplos de *stone lines*, de fragmentos de quartzo, inhumados por tênues coberturas detríticas arenoargilosas e por colúvios nas vertentes. (AB'SÁBER, 2010^[1969], p. 2)

Muito embora o pano de fundo da ecologia do Planalto atlântico em São Paulo seja o das matas tropicais (latifoliadas ou semidecíduas), existem diferenciações ecológicas regionais e locais [...] (AB'SÁBER, 2010^[1970], p. 2)

Acreditamos que, em certo momento do Pleistoceno Superior, existiu nas áreas de ocorrência de tais tipos de solos, paisagens e ecologias subúmidas responsáveis pela fertilização. (AB'SÁBER, 2010^[1974], p. 11)

Altos Pelados de Umburanas e chão pedregoso atual, o filito está cortado em colinas como cesto de ovos e o chão está atapetado de fragmentos de quartzo. (AB'SÁBER, 2010^[1978-80], p. 9).

Comporta em sua metade norte altiplanos basálticos que descaem para oeste, acompanhando a rampa geral dos planaltos meridionais que se inclinam para os vales do Rio Paraná e do Médio Uruguai. (AB'SÁBER, 2010^[1996], p. 4).

Transpondo-se a Serrinha, com seus altos paredões sotopostos aos terrenos antigos do Planalto Atlântico paranaense, segue-se o Segundo Planalto regional, num desdobrar de chapadões ondulados, marcado por mosaicos de campos de cimeira e bosques de araucária. (AB'SÁBER, 2010^[1996], p. 4).

A única exceção em termos geológicos, no Terceiro Planalto, é a presença de uma pequena área de cobertura de arenitos — sobre basaltos — no extremo noroeste do Estado, onde os solos arenosos estão sujeitos a uma forte e potencial erosão (Formação Caiuá), como bem documentou Reinhard Maack, dentre outros pesquisadores. (AB'SÁBER, 2010^[1996], p. 4).

As formas de terreno são, em sua maioria, similares tanto nas áreas de solos cristalinos aplainados quanto nas áreas sedimentares mais elevadas, transformadas em planaltos típicos. Onde ocorrem bancadas de laterita, na cimeira dos platôs, aparecem os mais degradados fácies naturais de cerrados: campos pontilhados de arboretas anãs. (AB'SÁBER, 2010^[2003], p. 3).

2.2.4 Cláusula do denunciismo social...

Adiante constataremos a indignação, críticas e desabafos de Ab'Saber frente a todo o tipo de injustiças que acontecem no Brasil. Praticamente todas as críticas vão ao governo brasileiro, permissivo, corrupto, desorganizado e desinformado com relação aos recursos naturais e desigualdades sociais, muitas delas geradas pelo sistema capitalista de produção que só visa o lucro a todo custo. Em alguns casos ele critica o imperialismo norte americano, principalmente quando fala da Amazônia. O autor também critica os grandes empresários e os latifundiários de práticas exploratórias em vários sentidos, sobretudo, com relação às explorações dos recursos naturais, sem estudo prévio, que provocam poluição ambiental, deslizamentos, desmatamentos, etc. Denuncia práticas exploratórias abusivas contra os grupos de desfavorecidos como indígenas, ribeirinhos, sertanejos, favelados. O leitor terá trechos que demonstram um Ab'Sáber muito denunciativo e crítico que não se cala frente os problemas nacionais, um verdadeiro cientista e cidadão participativo. Todas essas características comprovam que o autor é um verdadeiro Crítico-Ambientalista:

No espaço pródigo dos sertões, vive e cresce uma população de algumas dezenas de milhões de sertanejos, distribuídos um pouco por toda parte, em ribeiras e caatingas, lutando para ganhar um salário de sobrevivência ou produzir sob risco um mínimo para prosseguir na rústica rotina dos sertões. A grande distorção começa aí, no trágico balanço entre o *quantum* demográfico e as mirradas e problemáticas possibilidades de ganho para o sustento familiar.” (AB’SÁBER, 2010^[1974], p. 16, grifo nosso).

Muita gente e pouca produção significará sempre o espectro eventual da fome para as classes mais carentes da sociedade regional. No caso do Nordeste, a ronda da fome incide exatamente na digna parcela menos protegida da população, constituída por todos os tipos de trabalhadores sem-terra. (AB’SÁBER, 2010^[1974], p. 16, grifo nosso).

E ninguém parece ter aprendido nada com as lições de Caraguatatuba. Pouco mais tarde construiu-se a estrada de Mogi a Bertioga, repetindo erros grosseiros e preparando caminho para novas tragédias. E, através de 20 anos de poluição industrial incontida, preparou-se o caminho para enfraquecer os ecossistemas florestais da Serra do Mar, em Cubatão e tornar factível o deslanche de um sistema de escorregamentos múltiplos, ao fundo da Baixada Santista, repetindo os acontecimentos de Caraguatatuba, numa área de difícil reversibilidade natural de condições, que vive permanentemente assediada por tragédias sobre tragédias. E que já não tem mais para quem apelar. Isso tudo, a despeito dos insistentes alertas dos cientistas mais esclarecidos deste País, e a despeito mesmo de toda uma campanha para exigir seriedade por parte dos industriais poluidores e dos administradores indecisos ou camaleônicos. Daí ser necessário repensar Caraguatatuba para compreender a originalidade trágica dos acontecimentos de Cubatão. E fazer a cobrança judicial dos culpados e dos omissos para se evitar a continuação desnecessária da cadeia de tragédias que envolvem toda uma população carente, relegada a condições sub-humanas de vida. E totalmente órfã e desamparada. À margem da cidadania. Um terremoto não pode ser evitado. Entretanto, não fosse a omissão sistêmica dos responsáveis, perfeitamente conhecidos, quase todas as tragédias de Cubatão poderiam ter sido evitadas, numa homenagem aos direitos de cidadania dos brasileiros pobres. (AB’SÁBER, 2010^[1985], p. 8, grifo nosso).

Equipamentos e atributos tecnológicos relacionados com os padrões de ocidentalização em processo de desenvolvimento, incluindo a pérfida atuação dos mecanismos de obsolescência planejada, difundidos a partir da agressiva propaganda dos países centrais (AB’SÁBER, 2010^[1986b], p. 2, grifo nosso).

É fácil saber, de um modo genérico, que toda cidade tem o seu custo. Um custo em relação à ecologia: um custo em relação à sociedade. (AB’SÁBER, 2010^[1986b], p. 1, grifo nosso)

O destino cotidiano de grandes massas. Cidades que discriminam os diferentes segmentos da pirâmide social no interior do espaço urbanizado. (AB’SÁBER, 2010^[1986b], p. 2)

A eles se deve também um discernimento mais sincero sobre a reprodução da miséria, a sobrevivência dos bolsões de pobreza, os efeitos desgastantes de espaços opressores e a grande incidência de catástrofes sobre os espaços de vida das comunidades mais carentes. (AB'SÁBER, 2010^[1989], p. 4, grifo nosso).

Não falo nem do estado, porque é um rio inteiro que está sendo barrado por alguém, por um grupo econômico, e essa estatização é necessária, mas no melhor nível possível e não no nível das pequenas falcatruas. Eu queria denunciar aqui para você que, no momento em que a Light passou para o controle do Brasil, uma das pequenas represas históricas no sítio mais bonito que a região de São Paulo possui — a Serra de São Francisco, na região de Sorocaba — sub-repticiamente foi guindada pelo Grupo Votorantim. (AB'SÁBER, 2010^[1991], p. 6, grifo nosso).

Eu escutei no avião para Brasília pessoas me dizendo: “Mas por que esses índios querem tanto espaço? São duzentos e quarenta!”. Mas são duzentos e quarenta que representam a memória pré-histórica da humanidade. Este é um dos poucos países que tem a somatória dessas memórias. Não há como dizer: “Vamos fazer a barragem, deslocá-los da sua área ecológica. Eles que se arranjam”. (AB'SÁBER, 2010^[1991], p. 4).

Amazônia foi apresentada ao mundo ocidental como uma região uniforme e monótona, desprovida de diversidade fisiográfica e ecológica. Um espaço, enfim, sem gente e sem história, passível de qualquer manipulação por meio de planejamentos feitos a distância, ou impunemente sujeito a propostas de obras faraônicas, vinculadas a um muito falso conceito de desenvolvimento. (AB'SÁBER, 2010^[1992a], p. 1, grifo nosso).

Invadida por fazendeiros, peões, madeireiros, capatazes, pistoleiros e garimpeiros, a Amazônia foi ocupada sob a sombra do capitalismo selvagem, num absoluto desprezo pela natureza e populações locais. (AB'SÁBER, 2010^[1992a], p. 2, grifo nosso).

Aliciaram-se jovens relativamente fortes e bem dispostos para o trabalho desgastante e semiescravo do garimpo. Desenvolveu-se criminosa permissividade e conivência com a invasão das terras indígenas, por meio do aliciamento maciço de ingênuos trabalhadores braçais, sob rígido controle de aviadores enriquecidos e truculentos proprietários de barrancos e cavas. (AB'SÁBER, 2010^[1992a], p. 2, grifo nosso).

Ocorreram reconhecidos fracassos nas políticas agropecuárias e indigenistas, incompetência e permissivismo na política de terras, total ausência de criatividade na busca de modelos auto-sustentados e não-predatórios para a utilização econômica da floresta. Além do que, por anos seguidos, reinou um absoluto desprezo pelo destino das populações tradicionais, dependentes das florestas e dos igarapés — índios, seringueiros, castanheiros, beiradeiros. (AB'SÁBER, 2010^[1992a], p.1, grifo nosso)

A imprevisão e a omissão foram as mesmas no que toca a proteção das águas de rios e igarapés, de onde provem o peixe para a alimentação de milhões de ribeirinhos pobres e desamparados. (AB'SÁBER, 2010^[1992a], p.2, grifo nosso)

Esvaziamento de populações ribeirinhas e urbano-ribeirinhas. Favelização crescente nas cidades maiores. Graves incidências eventuais de doenças em trabalhadores em algumas indústrias. Poluição hídrica em alguns setores de rios, riozinhos e igarapés, devido ao uso do mercúrio. Enfim, um mundo de coisas a corrigir. (AB'SÁBER, 2010^[1995], p. 5, grifo nosso)

E de repente a gente soube que a ministra Marina Silva, que para nós tem sempre uma dedicação especial, estava, através de terceiros, sendo induzida a alugar as florestas nacionais para empresas que quisessem explorar mognos, castanheiras e outras árvores por até 60 anos. Eu fiquei furioso com isso, é quase uma concessão! (AB'SÁBER, 2010^[2004c], p.2, grifo nosso)

Sou um homem de esquerda, uma esquerda democrática. Ao mesmo tempo, eu critico profundamente aqueles que se passaram por homens de esquerda e que depois vem dizer eu não sou da esquerda. É o caso do Lula que disse nunca ter sido de esquerda. Quando um partido dos trabalhadores não tiver um ideário da esquerda, está tudo perdido. (AB'SÁBER, 2010^[2004c], p.3, grifo nosso)

Porque se não prepara, e claro que as pessoas vão continuar com aquele modelo brasileiro: alguém me auxiliou a entrar aqui, eu agora tenho status e acabou. (AB'SÁBER, 2010^[2004c], p.3, grifo nosso)

Um militar dos Estados Unidos fez a seguinte declaração: “Essas queimadas provam que o governo brasileiro e os brasileiros não tem condições de gerenciar a Amazônia”. Eu fiquei furioso com essa frase. Isso já era uma indicação de apossamento da Amazônia. (AB'SÁBER, 2010^[2004c], p. 1, grifo nosso).

Em São Paulo, o teatro é predominantemente subcentral. Um reflexo perverso das consequências de nosso capitalismo selvagem. (AB'SÁBER, 2010^[2004b], p. 3, grifo nosso).

Quem nunca entrou nessas padarias, não pode avaliar como as pessoas são maltratadas. O leite tipo C nunca existe para ser vendido, apesar de ter um preço na medida dos recursos da população periférica. As pessoas estão ali também sob o controle de um comerciante que, em geral, explora até onde pode a população residente. E alguns pequenos supermercados dessas periferias vendem muito mais caro do que aqueles da metrópole interna ou intermediária. Disto resulta que as populações mais bem aquinhoadas pagam mais barato o seu alimento do que as das periferias. (AB'SÁBER, 2010^[2004b], p. 7, grifo nosso).

Nos períodos de retardo de chuvas, um grande esforço para estabelecer sofridas “frentes de trabalho” para a construção de estradas, fato

logo aproveitado por grandes e espertos proprietários de latifúndio. (AB'SÁBER, 2010^[2005], p. 3, grifo nosso).

[...] já se pode documentar que as vantagens maiores estarão relacionadas com os latifúndios e propriedades agropastoris existentes nas colinas sertanejas que margeiam o Rio Jaguaribe, enquanto que os maiores prejudicados de imediato, quando as águas chegarem nos rios até então secos, serão os pobres vazanteiros tradicionais do médio e baixo Jaguaribe. (AB'SÁBER, 2010^[2005], p. 3, grifo nosso).

Não está fora de propósito que todos os espaços da beira alta do Rio Jaguaribe venham a ser “transformados em mercadoria”. Atenção, especuladores cristãos, financeiramente insaciáveis! Suas terras serão valorizadas. (AB'SÁBER, 2010^[2005], p. 4, grifo nosso).

[...] o grau de generalidade dessa e de outras afirmações similares indica um caráter eleitoral e uma fala destinada a ludibriar os sensíveis brasileiros residentes em regiões menos problemáticas. (AB'SÁBER, 2010^[2005], p. 4, grifo nosso).

Eu já estou muito constrangido com mil coisas, estou desesperado com os péssimos políticos que o Brasil tem. (AB'SÁBER, 2010^[2010a], p. 3, grifo nosso).

Foi por causa de tudo, mas o Brasil viajou para lá exuberante. Levaram a Dilma. A Dilma nunca entendeu de meio ambiente. (AB'SÁBER, 2010^[2010a], p. 4, grifo nosso).

[...] favorecendo de modo simplório e ignorante os desejos patrimoniais de classes sociais que só pensam em seus interesses pessoais, no contexto de um país dotado de grandes desigualdades sociais. Cidadãos de classe social privilegiada nada entendem de previsão de impactos, nem tem qualquer ética com a natureza. Não buscam encontrar modelos técnico-científicos adequados para a recuperação de áreas degradadas, seja na Amazônia, seja no Brasil Tropical Atlântico, ou alhures. São pessoas para as quais exigir a adoção de atividades agrárias “ecologicamente autossustentadas” é uma mania de cientistas irrealistas. (AB'SÁBER, 2010^[2010b], p. 1, grifo nosso).

Entrementes, agora outras personalidades trabalham por mudanças estapafúrdias e arrasadoras no chamado Código Florestal. Razão pela qual ousamos criticar aqueles que insistem em argumentos genéricos e perigosos para o futuro do país. Sendo necessário, mais do que nunca, evitar que gente de outras terras sobretudo de países hegemônicos venha a dizer que fica comprovado que o Brasil não tem competência para dirigir a Amazônia... Ou seja, os revisores do atual Código Florestal não teriam competência para dirigir o seu todo territorial do Brasil. Que tristeza, gente minha! (AB'SÁBER, 2010^[2010b], p. 2, grifo nosso).

[...] através de loteamentos ilegais, venda de glebas para incautos em locais de difícil acesso, os quais, ao fim de um certo tempo, são libertados para madeireiros contumazes. E, o fato mais infeliz é que ninguém procura novos conhecimentos para reutilizar terras degradadas; ou exigir dos governantes tecnologias adequadas para revitalizar os

solos que perderam nutrientes e argilas, tornando-se dominados por areias finas (*siltização*). (AB'SÁBER, 2010^[2010b], p. 2, grifo nosso).

Uma prova de sua grande ignorância, pois não sabem a menor diferença entre reflorestamento e florestamento. (AB'SÁBER, 2010^[2010b], p. 3, grifo nosso).

Os eucaliptólogos perdem a ética quando alugam espaços por trinta anos [...] (AB'SÁBER, 2010^[2010b], p. 3, grifo nosso).

Pouca gente lembra, entretanto, que em numerosas fazendas e fazendinhas da Amazônia Brasileira predomina o trabalho semiescravo. (AB'SÁBER, 2010^[2010b], p. 4, grifo nosso).

Perguntei-lhe, qual era a relação entre seus camaradas e os índios yanomamis da região, e a resposta infeliz veio rápida e antiética: “Para eles, é o meu capataz que responde, erguendo seu perigoso facão”. (AB'SÁBER, 2010^[2010b], p. 5, grifo nosso).

2.2.5 Cláusula do historicismo ...

A seguir, os trechos demonstram o recurso à história para a explicação de diversos fatos e fenômenos geográficos, essa característica é muito forte e recorrente na Geografia Clássica. Antes da sistematização da Geografia como disciplina acadêmica, a História e a Geografia andavam sempre juntas. Após a sistematização da Geografia, nos primeiros cursos universitários, inclusive o do próprio Aziz Nacib Ab'Saber, na USP, o curso não era chamado apenas de Geografia e sim de Bacharelado e/ou Licenciatura em “História e Geografia”. Ab'Sáber também era um admirador da Arqueologia, nada mais justo que encontrar em seus discursos um frequente recurso à História para explicar fenômenos e acontecimentos geográficos. Ab'Sáber foi grande estudioso da Geologia na época em que esta nem era muito conhecida no Brasil, sabe-se que para esta ciência o passado é fundamental para explicar fenômenos físicos. É necessário lembrar também, que o fator histórico é uma característica encontrada entre os discursos crítico de corte marxista, que se valem da história para explicar os fenômenos sociais presentes:

Embora lentamente, a marcha dos acontecimentos vem demonstrando o quanto de acertado havia na predição dos dois ilustres sábios que passaram pela Amazônia nos fins do primeiro quartel do século XIX. (AB'SÁBER, 2010^[1953], p. 9, grifo nosso).

Formou-se, a custa de tais contrastes e incoerências de toda época, o patriarcado rural escravista e latifundiário, que constituiu a primeira aristocracia rural que o mundo tropical sul-americano conheceu após o descobrimento. Dessa história agrária opulenta, que valeu pela primei-

ra proclamação econômica do trópico brasileiro, baseada no cultivo de [...] (AB'SÁBER, 2010^[1960], p. 5, grifo nosso).

Em nosso caso, reconhecemos que o esforço feito para a caracterização do domínio morfoclimático não é suficiente para esclarecer a gênese de problemas ligados predominantemente ao caráter espasmódico de incidência das secas. Haveria que acrescentar a este pequeno estudo os conhecimentos acumulados sobre a dinâmica climática regional e o ritmo irregular dos períodos de seca prolongada e socialmente catastrófica. (AB'SÁBER, 2010^[1974], p. 16).

No meu modo de entender a cultura da região do sudoeste de Goiás, de Uruaçu a Caiaponia, que tangencia os 9.000 a 11.000 anos, um pouco mais antiga talvez que as de Lagoa Santa, mas quase contemporânea, grosso modo falando, é uma cultura paleoíndia remanescente. (AB'SÁBER, 2010^[1978-80], p. 2, grifo nosso).

Aí nós já estamos dentro do Holoceno, razão pela qual eu puxo as orelhas dos arqueólogos que querem dar um grau de antiguidade muito grande para o Paleoíndio brasileiro. (AB'SÁBER, 2010^[1978-80], p. 4).

É essa área que o professor *Schmitz* está trabalhando e na qual vocês estão interessados, porque tem importância sul-americana como achado pré-histórico e arqueológico. (AB'SÁBER, 2010^[1978-80], p. 2, grifo do autor).

É possível que, através de referências históricas eventuais, venhamos a obter informes sobre as condições climáticas do Rio Grande do Sul no referido período, enquanto o Nordeste era assolado por grandes e dramáticas secas. (AB'SÁBER, 2010^[1983], p. 5, grifo nosso).

[...] o que se fez nesse intervalo de tempo, em termos de especulação imobiliária agressiva e irracional, é um atestado flagrante de como o capitalismo selvagem, capitaneado pelas oligarquias – tradicionais e recentes – pode transformar todos os tipos de espaços ecológicos em “espaço-mercadoria”. (AB'SÁBER, 2010^[1986b], p. 5, grifo nosso).

A história da circulação das riquezas, produzidas por diferentes áreas e grupos humanos, passa a ser fator importante para definir as funções de algumas aglomerações humanas, que logo mais iriam adquirir um conjunto de funções marcadamente urbanas. (AB'SÁBER, 2010^[1986b], p. 3, grifo nosso).

A grande história urbana resumindo-se na história da velha Olinda, encastelada em seu sítio defensivo, de visuais abrangentes. (AB'SÁBER, 2010^[1986b], p. 5, grifo nosso).

Equipamentos e atributos tecnológicos relacionados com os padrões de ocidentalização em processo de desenvolvimento, incluindo a pérfida atuação dos mecanismos de obsolescência planejada, difundidos a partir da agressiva propaganda dos países centrais. (AB'SÁBER, 2010^[1986b], p. 2, grifo nosso)

As cidades beiradeiras da bacia amazônica foram iniciadas como núcleos estratégicos da conquista territorial portuguesa e da catequese, em seu período de máxima atuação. Muito mais tarde, viriam a funcionar como núcleos de captação da produção extrativa vegetal dos seringais e castanhais. (AB'SÁBER, 2010^[1986b], p. 5, grifo nosso)

O contato que os geógrafos paulistas tiveram com a obra de Orlando Valverde vem de muito longe. Um pouco de história? sempre bom caminho para reavivar memórias. (AB'SÁBER, 2010^[1989], p. 3, grifo nosso).

E tristes memórias em relação aos espasmos de beligerância, gerados por lamentáveis personalidades políticas agressivas e incontroláveis. (AB'SÁBER, 2010^[1995], p. 3, grifo nosso).

O Brasil chega ao fim do século e do milênio com enormes problemas sociais e econômicos. País gigante, com espaços extremamente diferenciados em relação ao modelo de desenvolvimento imposto pela conjuntura do mundo moderno. Pressionado por uma enorme dívida externa e uma incrivelmente perturbadora dívida interna. Uma economia duplamente comprometida porque aceitou as sedutoras ofertas de empréstimos dos países ricos do Primeiro Mundo. Um país que não resistiu às pressões dos especuladores e das empreiteiras para a implantação de projetos desenvolvimentistas, destituídos de qualquer previsão de impactos, a nível ecológico, econômico e socioeconômico. Uma administração pública dotada de baixa capacidade de gerenciamento. Desconhecimento muito grande dos problemas regionais mais críticos. Atendimento atrapalhado de problemas e questões emergentes, a nível regional e setorial. Ônus agigantados pelas heranças de uma história social complexa e desumana; de um país tardiamente egresso do escravismo e sujeito permanentemente a relações arcaicas de trabalho. Uma sociedade projetada desigualmente por imensos e diferenciados espaços ecológicos e sociais, contendo um terço da sua população em estado de pobreza, para não falar dos lamentáveis bolsões de miséria absoluta distribuídos pelos sertões secos, em beira-rios e clareiras das selvas. (AB'SÁBER, 2010^[1995], p. 4, grifo nosso).

A saga do povoamento do extremo sul brasileiro desdobrou-se por muitos ramos, muitos objetivos e um amplo enquadramento territorial: luso-brasileiros desceram de Laguna para o sul, pela região costeira, até a barra da Lagoa dos Patos (Colônia do Sacramento); bandeirantes paulistas, através de longas caminhadas pelas rotas do planalto, fustigaram e desencorajaram as missões jesuíticas no Médio Uruguai e Médio Paraná, casais açorianos foram chamados a colonizar — em ponta de lança leste-oeste — as coxilhas da depressão central de Porto Alegre até Rio Pardo e Santa Maria. (AB'SÁBER, 2010^[1996], p. 9, grifo nosso).

A análise de tais tipos de documentos — centrada na época de predominância das *stone lines* — revela um pouco das paisagens que antecederam de perto as atuais por ocasião do último período seco quaternário (Pleistoceno Superior). (AB'SÁBER, 2010^[2003], p. 5).

Nunca será demais lembrar que o geógrafo Jean Dresch (1956) comentou as sutis diferenças existentes entre um verdadeiro deserto quando comparadas com a realidade física e fitogeográfica do domínio das caatingas. (AB’SÁBER, 2010^[2005], p. 1).

A emergência de São Paulo como solução aparente aconteceu logo após o término da Revolução de 1932, quando o governo central aliciou legiões de homens habitantes dos sertões para abortar a revolução constitucionalista. (AB’SÁBER, 2010^[2005], p. 3).

Para Aziz Nacib Ab’Saber, ilustre filho de Paraitinga, a ignorância arrasta a história para o fundo dos rios. (AB’SÁBER, 2010^[2010a], p. 1).

Quando a economia de São Luiz do Paraitinga começou a ruir por causa da Central do Brasil, ferrovia que tirou a cidade do eixo da exportação de café [...] (AB’SÁBER, 2010^[2010a], p. 1).

Oito décadas depois, sua memória de São Luiz e viva o suficiente para que lamente todo o patrimônio histórico levado pela inundação e para que aponte nesta entrevista, colhida em interurbanos intermitentes para Ubatuba, os motivos “fisiológicos” que teriam levado a cidade do Vale do Paraíba a sucumbir sob as águas. (AB’SÁBER, 2010^[2010a], p. 1).

2.2.6 Cláusula do aconselhamento ...

Desejo de que geógrafos, demais cientistas e cidadãos estivessem mais presentes, conscientes, críticos e ativos com relação às desigualdades sociais. Característica bastante crítica e ambientalista, pois ele não falava somente das desigualdades ocorridas nas cidades, mas principalmente das desigualdades geradas no campo, no sertão, nas fazendas amazônicas com seu trabalho semiescravo. Ab’Sáber não se conformava com a falta de participação dos cidadãos brasileiros, inclusive com relação aos nossos recursos naturais:

Essa posição frágil da principal força de trabalho dos sertões — constituída por camponeses e vaqueiros, por homens-habitantes e homens-produtores, arrimo de famílias numerosas — deveria representar uma crise de consciência para todos os brasileiros que tem a felicidade de viver em condições menos opressivas e socialmente inseguras. E, mais do que isso, deveria conduzir a um chamamento quase missionário, se possível, de busca de solução para os graves problemas que incidem sobre respeitável parcela da população brasileira residente nos sertões secos. (AB’SÁBER, 2010^[1974], p. 16, grifo nosso).

Restaurá-las [as cidades] para uma reciclagem cultural ou turística é uma obrigação que sensibiliza os brasileiros mais esclarecidos, não esclerosados pelo pragmatismo. (AB'SÁBER, 2010^[1986b], p. 6, grifo nosso).

Ao invés de permanecer em uma atitude crítica, exclusiva e intransigente, Orlando ultrapassou a barreira da denúncia de uma situação, realizando um trabalho de ordem revisionista, num correto esforço para encontrar soluções válidas para uma questão nuclear do processo de relações entre a industrialização e a integridade física, ecológica, biótica e social do território para o qual está sendo projetada. Com esta postura de cientista e cidadão, Valverde nos dá um belo exemplo de sua coerência. Uma coerência que atende sua profissão de geógrafo, o consultor técnico de formação interdisciplinar, as reclamações mais legítimas da parte mais esclarecida da sociedade e os interesses da nação, num momento em que todos estamos desiludidos e cansados em virtude das ações sub-reptícias de tecnocratas corporativistas, insensíveis e lineares, quando não ignorantes e venais. (AB'SÁBER, 2010^[1989], p. 3, grifo nosso)

No Brasil como na Alemanha, todos os cérebros esclarecidos tendem a exigir uma ciência capaz de projeções humanitárias, plenamente ética e instrumentalizada, para pensar o futuro, sabendo-se de antemão que os que não se filiarem a tais tipos de comportamentos estarão fadados a perder o trem da História, no grande périplo do pensamento engendrado pela condição humana. (AB'SÁBER, 2010^[1995], p. 3, grifo nosso).

Todos — arquitetos, urbanistas, geógrafos, sociólogos, antropólogos culturais, políticos, administradores — somos responsáveis por propostas de soluções para minimizar essa trágica conjuntura. (AB'SÁBER, 2010^[2004b], p. 7, grifo nosso).

À procura de soluções para resolver ou atenuar as consequências dramáticas dos períodos de seca, para o homem e a sociedade dos sertões nordestinos, é uma busca que deveria ser permanente entre todos os brasileiros. (AB'SÁBER, 2010^[2005], p. 1, grifo nosso).

É preciso ter menos ignorância, mais planejadores, mais equipes interdisciplinares capazes de observar o sítio urbano, a região do rio acima, [...] (AB'SÁBER, 2010^[2010a], p. 3, grifo nosso).

Mas o Ibama está gradeado pelo governo federal, o que é um absurdo. [...] Digo e repito: nós no Brasil precisamos aprender a contestar os idiotas. (AB'SÁBER, 2010^[2010a], p. 4, grifo nosso).

2.2.7 Cláusula da preocupação ambiental...

Preocupação com a preservação do meio ambiente. Abaixo, alguns exemplos das citações de um cientista muito crítico e preocupado com relação às agressões feitas ao meio ambiente, que em alguns casos ainda refletem na sociedade com tragédias como a que o

Brasil assistiu em 2011 em Petrópolis-RJ. Nem sempre os problemas advindos do mal planejamento ambiental refletem apenas na classe menos favorecida da sociedade. Essas características fazem parte de um Discurso Crítico-Ambientalista:

Se houvesse mais bosques de cabeceira e trechos mais contínuos de matas ribeirinhas ao longo do médio e baixo vales dos rios regionais, teria ocorrido uma atenuação dos processos de enchente e transbordamento nas grandes calhas aluviais. (AB'SÁBER, 2010^[1983], p. 3, grifo nosso)

Àquela época, as planícies aluviais do Rio Grande do Sul ainda eram dotadas de largas e alongadas florestas galeria subtropicais, e ainda não tinham seu espaço incorporado à atividades agrárias, em grande contraste com o quadro atual, em que a maioria esmagadora das faixas aluviais gaúchas está ocupada pela orizicultura. (AB'SÁBER, 2010^[1983], p. 5, grifo nosso)

Está acontecendo uma escalada violenta da poluição hídrica e, graças a ausência de qualquer preocupação efetiva com a organização do espaço total, multiplicaram-se as incompatibilidades entre as funções industriais, as funções residenciais, [...] (AB'SÁBER, 2010^[1986b], p. 7, grifo nosso).

Nada mais digno de ser inscrito no livro dos patrimônios naturais básicos de um país do que os espaços de suas paisagens de exceção. Seus tecidos ecológicos mais delicados e representativos. Os remanescentes mais significativos de seus ecossistemas continentais ou marinhos. A rigor, tudo aquilo que escapa da banalidade topográfica e paisagística. Sublinhado por um tipo qualquer de excepcionalidade ecológica e biológica. (AB'SÁBER, 2010^[1986a], p. 1).

Em menos de 25 anos, desfez-se toda a harmonia e o equilíbrio dos fatos físicos, ecológicos e bióticos que a Natureza levou 12.000 anos para reconstruir, a partir de pequenos bancos genéticos florestais, de alguns milhões de anos. (AB'SÁBER, 2010^[1986a], p. 12, grifo nosso).

Em face das condicionantes físicas, ecológicas e hídricas, e de uma economia baseada em um baixo nível de excedentes, as cidades nordestinas vem crescendo de modo contido. Felizmente. (AB'SÁBER, 2010^[1986b], p. 6, grifo nosso).

Nesta zona costeira o custo ecológico e ambiental das instalações humanas tem sido de proporções gigantescas. Sobretudo, nas áreas em que se justapuseram instalações urbanas, portuárias, industriais e de lazer, incompatíveis pelas suas próprias funções e expectativas (AB'SÁBER, 2010^[1986b], p. 5).

Paradoxalmente, os espaços mais indicados para um tombamento situam-se próximos de áreas altamente humanizadas, sujeitas a uma forte e irrefreável pressão da especulação imobiliária. (AB'SÁBER, 2010^[1986a], p. 2).

Somente lamentamos não ter lutado mais do que o fizemos naquela oportunidade para que o tombamento da serra tivesse sido efetivado. Sem a esdrúxula e inaplicável imposição do rótulo de Parque da Serra do Mar. Então acreditávamos em homens públicos. Por educação se cometem muito mais erros do que se possa supor. Sem comentários. (AB'SÁBER, 2010^[1986a], p. 15).

Então, o primeiro problema é o problema geral do meio ambiente. A agricultura é uma agressão e a barragem constitui outra agressão. Entre agressões, temos que alimentar multidões, distribuir democraticamente energia, ampliar sistemas para a economia etc. Assim, é necessário um mínimo de bom-senso na apreciação da questão das barragens. (AB'SÁBER, 2010^[1991], p. 1).

Eu tenho uma certa tipologia de ambientalista. Sou um deles e posso fazer essa tipologia. Existem ambientalistas que cuidam do lixo da rua, do lixo da casa, do lixo da praia. Outros cuidam do problema das unidades de preservação e se esquecem dos inter-espacos onde estão os homens, as indústrias e as redes urbanas. E outros cuidam de tudo ao mesmo tempo, da organização humana dos espaços herdados da natureza. Para esses é que vai todo o meu respeito. No caso das hidrelétricas, o problema reside nisso. Trata-se de compreender os tipos de espaços que os homens fizeram ao longo do tempo, sob as heranças da natureza modificadas através de ciclos econômicos nem sempre contínuos, mas sempre interferentes em relação às heranças ecológicas e biológicas. A barragem não se insere em todos os casos numa natureza totalmente virgem, totalmente alheia é presente do homem e da história. (AB'SÁBER, 2010^[1991], p. 1, grifo nosso).

Informes baseados na análise de imagens de satélite, em 1991, nos dizem, entretanto, que cerca de 46% da cobertura original do espaço ecológico dos cerrados foi eliminada. (AB'SÁBER, 2010^[1992b], p. 5).

Ao sul-sudoeste de Alegrete, em área de solos areníticos, vem ocorrendo escarificações por ações antrópicas e manejo agrícola inadequado. O desmate da vegetação chaquenha e de pradarias mistas para o plantio de soja, bem como o uso inconsequente de máquinas agrícolas pesadas e escarificadoras, provocaram uma erosão eólica suficiente para soerguer areias e constituir pequenas áreas de dunas. Daí porque vastos setores das campinas regionais foram abandonados, tanto para o pastoreio como para o cultivo, necessitando de usos alternativos com florestas plantadas, de interesse econômico. (AB'SÁBER, 2010^[1996], p. 6).

Eu estou desesperado. Eu coloco um ponto de vista diferenciado em relação a essa solução que eles querem dar. A Amazônia é uma região em cuja borda começou uma atividade agrária, que depois se estendeu pela parte já devastada, e prosseguiu também por dentro da mata fazendo o extrativismo tradicional, sem prejuízo algum a biodiversidade total. Esse pessoal partiu da borda e criou um modelo fantástico de economia ecologicamente autossustentável, a única que eu conheço na Amazônia em terras firmes. (AB'SÁBER, 2010^[2004c], p.2, grifo nosso)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do pressuposto de que as expressões-estigma podem ser emblemáticas de filiações, pendores e simpatias, nos pareceu constituir uma excelente tática metodológica; a qual não está impedida de transpor-se também para o âmbito dos estudos epistemológicos em Geografia Física. Por isso, iniciamos a partir da definição das cláusulas dos tipos identitários de pensamento vinculados às Geografias ditas Clássica e de Discurso Crítico-Ambientalista. Com a leitura dos artigos e confecção dos fichamentos, pudemos reconhecer hipóteses de correspondências relativas a essas escolas no discurso do autor-geógrafo Aziz Nacib Ab'Sáber. Como já foi dito, era necessário que houvesse uma frequência textual, ou seja, que essas cláusulas fossem explícitas e frequentes em seus textos.

Após a análise minuciosa de trinta artigos da obra de Ab'Sáber, escolhidos aleatoriamente e distribuídos ao longo das décadas de 1948 à 2010, pudemos encontrar as cláusulas, definidas anteriormente, com bastante frequência e de maneira explícita tal qual se definiu como parâmetro para que realmente se cumprisse o pressuposto.

Durante essa verificação notamos algumas vezes claramente, outras nas entrelinhas, um discurso que demonstra uma filiação a um viés de pensamento, do autor, na Escola de Pensamento Geográfico Clássica e também no Discurso Crítico-Ambientalista. Nota-se isso devido aos constantes trechos encontrados, em seus artigos, que mostram a valorização do empirismo, como as idas ao campo para observações pormenorizadas; uma escrita literária e muito descritivista; um amplo conhecimento e utilização dos conceitos e metodologias das ciências naturais, como a botânica, a zoologia, a geologia, mas também de ciência de interface como a arqueologia. Ao ler alguns artigos de Ab'Sáber escritos de forma literária, tem-se a impressão de estar lendo um delicioso romance, a leitura flui e pouco percebe-se que se trata de artigos acadêmicos. É uma peculiaridade muito marcante na escrita de Ab'Sáber.

Percebe-se também, um autor engajado social e ambientalmente que clama pela atuação mais firme e presente dos futuros geógrafos, cientistas e cidadãos na defesa na redução das desigualdades sociais e na exploração dos recursos naturais. O autor deixa claro, em diversas passagens de seus artigos que não é contra o progresso, mas que acredita que as explorações podem ser feitas de maneira sustentável, com estudo de impactos prévio e detalhado por profissionais da área do meio ambiente e capacitados.

Seus discursos também mostram muita criticidade e clareza sobre o que acontecia no Brasil, na época da escrita dos artigos, quando o governo permitia(e) através de acordos bilaterais a exploração dos recursos naturais sem controle, sem estudos aprofundados sobre as consequências advindas de tal exploração e, muitas vezes, em locais em que não seria permitido devido à fragilidade ambiental. Além das críticas às desigualdades sociais geradas por essas práticas, ao serem desabrigadas as populações tradicionais ribeirinhas, indígenas, sertanejos, enfim, toda a classe menos privilegiada da sociedade brasileira, para saciar o desejo dos latifundiários, de grandes empresas e/ou para a construção de barragens de hidrelétricas, por exemplo. Lembrando também, da poluição que prejudica tanto a natureza quanto a saúde do homem, como nos artigos sobre Cubatão onde houve tantos episódios de poluição, que as chuvas ácidas e os deslizamentos de terras eram comuns. Sem contar as suas críticas referentes à corrupção nos órgãos governamentais que incomodava muito Ab'Sáber devido à permissividade governamental referente aos nossos recursos naturais, como a Floresta Amazônica por exemplo. O incomodava na política, também, o fato de alguns representantes que eram de esquerda e deveriam lutar pelos direitos sociais do povo, terem mudado bruscamente a sua maneira de agir mas que ainda se diziam de esquerda.

Então, percebe-se ao ler e interpretar os seus artigos, através de seus discursos, todas essas características que comprovam a nossa suspeita de que Ab'Sáber foi influenciado por essas duas escolas de pensamento geográfico: a Clássica e Crítico-Ambientalista. Todo autor, ao escrever para seus leitores, consciente ou inconscientemente acaba por transmitir as ideologias das quais é seguidor. A importância portanto, dessa pesquisa é mostrar à comunidade acadêmica que os autores da geografia chamada de Física, também possuem ideologias e também foram influenciados por alguma escola de pensamento geográfico, assim como acontece na área da Geografia conhecida por Humana. Existe, portanto, uma evolução epistemológica no saber geográfico físico também. E essa evolução precisa ser relatada e estudada a fundo em pesquisas historiográficas assim como acontece, geralmente, na Geografia Humana.

O próprio Ab'Sáber confirmou em entrevista, publicada na obra consultada de Modenesi-Gauttieri (2010), que possuía um estilo diferente de escrever seus artigos. Uma das vezes em que afirmou esse estilo literário e inventariante de escrita foi quando escreveu um artigo sobre Orlando Valverde (1989) em que dizia:

O autor não foi talhado para redigir relatórios técnicos e burocráticos. Usa de muitos métodos e de muitos recursos de linguagem. Ganha, com isso, profundidade e calor humano em seus estudos. Jamais se atrela a metodologias rígidas ou a modismos altamente temporários, que vem marcando a disciplina de sua eleição (AB'SABER, 1989, p. 2).

Também encontramos essa afirmação explícita, quando o responsável pelo convite a Aziz Ab'Sáber (para que escrevesse na *Scientific American Brasil*) telefonou à sua residência. Ele não estava à ocasião e quem atendeu o telefonema foi sua esposa, que ficou responsável de dar o recado a Ab'Sáber. Entretanto, ela adiantou ao agente: o marido talvez não aceitasse o convite, pois não gostava do “rigor” exigido por entidades científicas na forma de escrita; ele preferia escrever livremente.

Além disso, Ab'Sáber também afirmou seu estilo Crítico-ambientalista quando disse: “*Eu tenho uma certa tipologia de ambientalista. Sou um deles e posso fazer essa tipologia.*” (2010).

As leituras de seus artigos escritos demonstram claramente a frequência e clareza com que o autor demonstrava seu estilo clássico, descritivista, sua valorização pelo empirismo. Mesmo quando falava da importância de analisar mapas, fotos e imagens de satélite, ele afirmava que com tudo isso em mãos ainda não poderia faltar o conhecimento de campo. Inclusive, é necessário salientar que para o leitor mais atento e conhecedor dos estilos propostos, perceberá nos exemplos do segundo capítulo, mais de uma cláusula em um parágrafo apenas. Por exemplo, podemos notar em um trecho tipificado como sendo de recurso à história, também a preocupação ambiental ou social, ou a utilização de um estilo literário de escrita – tudo isso em apenas um trecho de artigo.

No que tange à, digamos, “distribuição temporal” dos estigmas, podemos sugerir, por ora, certas tendências mais ou menos evidentes. Os artigos já nos tons crítico e ecologista começam a aparecer da década de 1970, apesar de que não serão expressivos numericamente. Eles intensificam-se a partir da década de 1980 – mesma década em que se notará o aumento quantitativo da produção textual do autor (artigos, sobretudo).

Com relação ao discurso Crítico-Ambientalista, acreditamos ter ficado mais explícito ainda a sua influência em Ab'Sáber, sobretudo pela quantidade de artigos nesse tom escritos a partir do final da década de 1960 e com relativo crescimento em termos de

quantidade produtiva na década de 1980. Sua preocupação ambiental é reconhecida pelos mais renomados cientistas e políticos, Ab'Sáber foi considerado, até por ele mesmo, um ativo cidadão a favor das causas ambientais e sociais brasileiras. Ele não se calava diante das mazelas e desigualdades de todos os tipos que aconteciam, e infelizmente continuam a acontecer, no nosso país. Ele não se contentava e chamava a todos os cidadãos, cientistas e principalmente os geógrafos a fazerem a sua parte, a estarem sempre atentos e participarem ativamente da luta pela redução dos desmatamentos, das explorações no campo, das mortes dos indígenas, das desigualdades sociais nas cidades.

Concluimos que a proposta inicial da pesquisa foi atingida, pois o autor geógrafo explicitou com frequência suficiente as suas filiações com o estilo Clássico e com o Discurso Crítico-Ambientalista. Acreditamos, assim, ser possível que o nosso procedimento metodológico (cláusula → expressão-estigma) seja replicado em outras experiências de pesquisa de mesma natureza. A definição das cláusulas de um tipo identitário escolhido ajuda de maneira eficiente e rápida o rastreamento de hipóteses de correspondência e garante ao historiógrafo-intérprete a conclusão positiva ou negativa sobre determinada filiação, influência ou simpatia de um autor, seja ele geógrafo físico ou humano, com respeito a alguma escola de pensamento.

BIBLIOGRAFIA

CANATA, F. A. P. Z.; REIS JR., D. F. C.; CRUZ, H. J. M. Do pensamento à linguagem: metodologia para análise de discursos geográficos (estudo de caso Aziz Ab'Sáber). In: XIV Encuentro de Geógrafos de América Latina. **Anais ...** Lima: PUCPerú, 2013. p. 1-20.

CLAVAL, P. **Epistemologia da geografia**. Tradução Margareth de Castro Afeche Pimenta, Joana Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2011. 404 p.

DENEUX, J.-F. **Histoire de la Pensée géographique**. Paris: Belin, 2006. 255 p.

FREIXO, M. J. V. **Metodologia científica**: fundamentos, métodos e técnicas. 2. ed. Lisboa: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, 2010. 296p.

GEORGE, P. et al. **A geografia ativa**. São Paulo: DIFEL, 1975.

MACHADO, L. O As idéias no lugar: o desenvolvimento do pensamento geográfico no Brasil no início do século XX. **Terra Brasilis** (Nova série), 2000. Disponível em: <http://terrabrasilis.revues.org/298>. Acesso em: 03 jul. 2013.

MACHADO, M. S. **A construção da geografia universitária no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009, 231p.

MODENESI-GAUTTIERI, M. C. et al. (Org.). **A obra de Aziz Nacib Ab'Sáber**. São Paulo: Beca, 2010. 588p. 1 DVD.

MORAES, A. C. R. **Geografia histórica e história da geografia**: território e história no Brasil. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

MOREIRA, R. **Para onde vai o pensamento geográfico?**: por uma epistemologia crítica. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **O pensamento geográfico brasileiro**: as matrizes clássicas originárias. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **O pensamento geográfico brasileiro**: as matrizes da renovação. São Paulo: Contexto, 2009.

REIS JR., D. F. C. História da ciência geográfica: espectro temático e uma versão descritiva. **Caderno de História da Ciência**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 11-33, jan./jul. 2011.

ROSA, C. A. P. **História da ciência**: da antiguidade ao renascimento científico. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2010.

SODRÉ, N. W. **Introdução à geografia**: geografia e ideologia. Petrópolis: Vozes, 1989.

SEABRA, G. **Geografia**: fundamentos e perspectivas. João Pessoa: UFPB, 2007.

VITTE, A. C. A. **Construção da geomorfologia no Brasil**. Revista Brasileira de Geomorfologia, v. 12, n. 3, p. 91-108, 2011.

LITERATURA EXAMINADA

AB'SÁBER, A. N. Norte: a denominação clássica do alto médio Vale do Paraíba em São Paulo. **Paulistânia**, São Paulo, p. 42-44, 1948a. [edição examinada: 2010]

_____. Sequências de rochas glaciais e subglaciais dos arredores de Itu, São Paulo. **Mineração e Metalurgia**, v. 13, p. 43-44, 1948b. [edição examinada: 2010]

_____. A Serra do Mar e a Mata Atlântica em São Paulo. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 4, p. 61-70, 1950. [edição examinada: 2010]

_____. Bases geoeconômicas da indústria siderúrgica brasileira. **Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP**, São Paulo, n. 13, p. 83-89, 1951. [edição examinada: 2010]

_____. A cidade de Manaus: primeiros estudos. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 15, p. 18-45, 1953. [edição examinada: 2010]

_____. Aspectos da geografia econômica do Brasil. In: HOLANDA, S. B. (Org.). **História geral da civilização brasileira**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960. v. 1, t. 2: A época colonial: administração, economia, sociedade. p. 177-182. [edição examinada: 2010]

_____. Contribuição ao estudo das stone lines do sul do Brasil. **Geomorfologia**, São Paulo, n. 10, p. 11-12, 1969. [edição examinada: 2010]

_____. As “ilhas” de cerrados das bacias de Taubaté, São Paulo e Atibaia. **Caderno de Ciências da Terra**, São Paulo, n. 6, p. 20-24, 1970a. [edição examinada: 2010]

_____. Províncias geológicas e domínios morfoclimáticos no Brasil. **Geomorfologia**, São Paulo, n. 20, p. 1-26, 1970b. [edição examinada: 2010]

_____. O domínio morfoclimático semiárido das caatingas brasileiras. **Geomorfologia**, São Paulo, n. 43, p. 1-37, 1974. [edição examinada: 2010]

_____. Diretrizes para uma política de preservação de reservas naturais do estado de São Paulo. **Geografia e Planejamento**, n. 30, p. 7-26, 1977. [edição examinada: 2010]

_____. Paleoclima e paleoecologia. **Anuário de Divulgação Científica**, Goiânia, n. 5, p. 33-51, 1980. [edição examinada: 2010]

_____. As cheias no sul. **Ciência Hoje**, v. 2, n. 8, p. 94-96, set./out. 1983. [edição examinada: 2010]

_____. Gestão do espaço natural: relembrando Caraguatatuba 1967, para compreender Cubatão 1985. **Arquitetura e Urbanismo**, v. 1, n. 3, p. 90-93, 1985. [edição examinada: 2010]

_____. O tombamento da Serra do Mar no estado de São Paulo. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 21, p. 7-20, 1986a. [edição examinada: 2010]

_____. Quanto custa uma cidade. **Humanidades**, Brasília, v. 3, n. 10, p. 100-108, 1986b. [edição examinada: 2010]

_____. Prefácio. In: VALVERDE, O. **Grande Carajás: planejamento da destruição**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989. [edição examinada: 2010]

_____. Política de meio ambiente. In: ELETROBRÁS. **Anais dos Seminários Temáticos: política de meio ambiente e aproveitamento do potencial hidrelétrico brasileiro**. Rio de Janeiro: Eletrobrás, 1991. p. 43-54. [edição examinada: 2010]

_____. Amazônia: as lições do caos. **Nossa América**, São Paulo, n. 5, p. 50-57, 1992a. [edição examinada: 2010]

_____. No domínio dos cerrados. In: MONTEIRO, S.; KAZ, L. (Org.). **Cerrados: vastos espaços**. Rio de Janeiro: Alumbamento, 1992b. p. 29-38. [edição examinada: 2010]

_____. Pierre Monbeig: a herança intelectual de um geógrafo. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 8, n. 22, p. 221-232, 1994.

_____. Brasil e Alemanha: caminhos da ciência. In: BANDEIRA, L. A. M.; GUIMARAES, S. P. (Org.). **Brasil e Alemanha: a construção do futuro**. Brasília: IPRI, p. 474-484, 1995. [edição examinada: 2010]

_____. Rincões e querências. In: KATZ, L.; MENDONÇA, S. (Org.). **Fronteira: o Brasil meridional**. Rio de Janeiro: Edições Alumbamento, 1996. [edição examinada: 2010]

_____. Linguagem e ambiente: os caprichos da natureza e a capacidade evocadora da terminologia científica. **Scientific American Brasil**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 98, 2002. [edição examinada: 2010]

_____. Ecologia urbana de uma metrópole na conjuntura do subdesenvolvimento. In: _____. **São Paulo: ensaios entreveros**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004a. 518 p. [edição examinada: 2010]

_____. O sítio urbano inicial da aglomeração paulistana. In: _____. **São Paulo: ensaios entreveros**. São Paulo: Imprensa Oficial, p. 113-136, 2004b. [edição examinada: 2010]

_____. Sou rigorosamente um brasileiro. **Jornal do Campus**, São Paulo, p. 7, 7 out. 2004c. [edição examinada: 2010]

_____. A seca e o velho Chico: a transposição do São Francisco, boa para os ricos, má para os pobres. **Revista Caros Amigos**, edição especial, p. 22-23, abr. 2005. [edição examinada: 2010]

_____. Como morrem as casas. **Jornal O Estado de São Paulo**, São Paulo, 10 jan. 2010a. Suplementos, Aliás, p. 3. Entrevista a Mônica Manir. [edição examinada: 2010]

_____. Do código florestal para o código da biodiversidade. In: **LXV Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência**, São Paulo, jul. 2010b. Disponível em: <http://sbpcnet.org.br/site/arquivos/arquivo_273.doc>. [edição examinada: 2010]

ANEXOS: “ficha-protótipo” de leitura

RELATÓRIO EXPEDITO DE LEITURA

IDENTIFICAÇÃO

Título:

Autor:

Fonte:

[periódico (ou livro / ou evento) + volume & fascículo (em caso de revista) + editora (em caso de livro) + paginação + ano]

SINOPSE

[Sucintamente, o “teor geral” do texto.]

RECURSOS

TEXTUAL:[] **ICONOGRÁFICO:** mapeamentos[] fotografias[] gráficos[] **ESTATÍSTICO:** equações[] tabelas[]

RASTREAMENTO (INDUZIDO)

[Trechos bem ilustrativos de cada uma das seguintes duas sintomatologias.]

→ O autor ensaiando alguma espécie de diagnóstico (em tom não necessariamente conclusivo, mas pelo

menos indicando certa habilidade interpretativa ... seja de cunho técnico ou conceitual).

→ O evidente recurso que faz a um “estilo de argumento”, pelo qual seja possível notar certa inclinação epistemológica. (Obs.: Grife as palavras ou expressões-chave contidas e proponha um “código identificador”).

RASTREAMENTO (AUTORAL)

[Nomeie outra sintomatologia que tenha chamado a atenção, transcrevendo trecho que seja dela ilustrativo.]

→ ? ? ?

APRECIÇÃO

[Teça comentário sobre o “alinhamento epistemológico” – sistema de pensamento – que o autor pareça possuir, emitindo opinião sobre o quanto esta sua “filiação” de fato condiciona a natureza de seus argumentos.]